

# **PARTE QUATRO**

---

## **Teorias Dispositionais**

### **CAPÍTULO 12 *Allport***

Psicologia do Indivíduo 234

### **CAPÍTULO 13 *McCrae e Costa***

Teoria dos Cinco Fatores de McCrae e Costa 252

# CAPÍTULO 12

---

## Allport: Psicologia do Indivíduo

- ◆ *Panorama da psicologia do indivíduo de Allport*
- ◆ *Biografia de Gordon Allport*
- ◆ *Abordagem de Allport da teoria da personalidade*
  - O que é personalidade?
  - Qual é o papel da motivação consciente?
  - Quais são as características da pessoa sadia?
- ◆ *Estrutura da personalidade*
  - Disposições pessoais
  - Proprium*
- ◆ *Motivação*
  - Uma teoria da motivação
  - Autonomia funcional
- ◆ *O estudo do indivíduo*
  - Ciência morfogênica
  - Os diários de Marion Taylor
  - As cartas de Jenny
- ◆ *Pesquisa relacionada*
  - Orientação religiosa intrínseca *versus* extrínseca
  - Como reduzir o preconceito: contato ideal
- ◆ *Críticas a Allport*
- ◆ *Conceito de humanidade*
- ◆ *Termos-chave e conceitos*



Allport

No outono de 1920, um estudante norte-americano de filosofia e economia de 22 anos estava visitando um irmão mais velho em Viena. Durante sua visita, o jovem escreveu um bilhete para Sigmund Freud, solicitando um encontro. Freud, então o mais famoso psiquiatra do mundo, concordou em ver o jovem e sugeriu uma determinada hora para o encontro.

O jovem norte-americano chegou ao nº 19 da rua Berggasse muito tempo antes para sua consulta com o doutor Freud. Na hora combinada, Freud abriu a porta de seu consultório e, silenciosamente, conduziu o homem para dentro. O visitante norte-americano de repente se deu conta de que não tinha nada a dizer. Buscando em sua mente algum incidente que pudesse interessar a Freud, ele se lembrou de ter visto um menino no bonde naquele dia quando ia para a casa de Freud. O menino, de cerca de 4 anos, exibia uma fobia óbvia por sujeira, queixando-se constantemente para sua bem-engomada mãe acerca das condições de sujeira no carro. Freud ouviu em silêncio a história e, então, – com uma típica técnica freudiana – perguntou ao jovem visitante se ele estava, na realidade, falando de si mesmo. Sentindo-se culpado, o jovem conseguiu mudar de assunto e escapar sem muito mais embaraço.

O visitante norte-americano no consultório de Freud era Gordon Allport, e esse encontro foi o que despertou seu interesse pela teoria da personalidade. De volta aos Estados Unidos, Allport começou a ponderar se poderia haver espaço para uma terceira abordagem da personalidade, uma que se valesse da psicanálise tradicional e das teorias de aprendizagem conduzidas com animais, mas que também adotasse uma postura mais humanista. Allport rapidamente concluiu o trabalho para um doutorado em psicologia e embarcou em numa longa e distinguida carreira como defensor convicto do estudo do indivíduo.

## PANORAMA DA PSICOLOGIA DO INDIVÍDUO DE ALLPORT

Mais do que qualquer outro teórico da personalidade, Gordon Allport enfatizou a *singularidade do indivíduo*. Ele acreditava que as tentativas de descrever as pessoas em termos de traços gerais roubam delas sua individualidade única. Por essa razão, Allport fazia objeção às teorias dos traços e dos fatores que tendem a reduzir os comportamentos individuais a traços comuns. Ele insistia, por exemplo, em que a obstinação de uma pessoa é diferente da obstinação de outra, e a maneira como a obstinação de um indivíduo interage com sua extroversão e criatividade não é replicada em nenhum outro indivíduo.

Coerente com sua ênfase na singularidade de cada pessoa estava sua disposição para estudar em profundidade um único indivíduo. Allport denominou o estudo do indivíduo de **ciência morfogênica** e o comparou com os mé-

todos de **nomotética** usados pela maioria dos outros psicólogos. Métodos morfogênicos são aqueles que reúnem dados sobre um único *indivíduo*, enquanto os métodos nomotéticos reúnem dados sobre grupos de pessoas. Allport também defendia uma abordagem **eclética** na construção da teoria. Ele aceitava algumas das contribuições de Freud, Maslow, Rogers, Eysenck, Skinner e outros; porém, acreditava que nenhum desses teóricos era capaz de explicar de forma adequada o crescimento total e a personalidade única. Para Allport, uma teoria ampla e abrangente é preferível a uma teoria limitada e específica, mesmo que ela não gere tantas hipóteses verificáveis.

Allport argumentou contra o particularismo, ou as teorias que enfatizam um único aspecto da personalidade. Em um importante alerta, advertiu outros teóricos: "não se esqueçam do que vocês decidiram negligenciar" (Allport, 1968, p. 23).

Em outras palavras, nenhuma teoria é completamente abrangente, e os psicólogos devem sempre perceber que muito da natureza humana não está incluído em uma única teoria.

## BIOGRAFIA DE GORDON ALLPORT

Gordon Willard Allport nasceu em 11 de novembro de 1897, em Montezuma, Indiana, o quarto e mais moço filho de John E. Allport e Nellie Wise Allport. O pai de Allport se envolveu em muitos empreendimentos comerciais antes de se tornar médico, mais ou menos na época do nascimento de Gordon. Não tendo um local adequado para o consultório e o atendimento clínico, o doutor Allport transformou sua casa em um hospital em miniatura. Havia pacientes e enfermeiras em casa, e prevalecia uma atmosfera limpa e asséptica.

O asseio da ação foi ampliado para a higiene do pensamento. Em sua autobiografia, Allport (1967) escreveu que o início de sua vida "foi marcado pela cornum devoção protestante" (p. 4). Floyd Allport, seu irmão sete anos mais velho, que também se tornou um psicólogo famoso, descreveu sua mãe como uma mulher muito devota, que dava muita ênfase à religião (F. Allport, 1974). Como ex-professora de escola, ela ensinou ao jovem Gordon as virtudes da linguagem limpa e da conduta adequada, bem como a importância de buscar as respostas religiosas finais.

Na época em que Gordon tinha 6 anos, a família se mudou por três vezes e finalmente se estabeleceu em Cleveland, Ohio. O jovem Allport desenvolveu um interesse precoce por questões religiosas e filosóficas e tinha mais facilidade com as palavras do que com os jogos. Ele se descreveu como um "isolado" social que moldou o próprio círculo de atividades. Mesmo tendo se formado em segundo lugar em uma turma de cem alunos do ensino médio, ele não se considerava um estudante inspirado (Allport, 1967).

No outono de 1915, Allport ingressou em Harvard, seguindo as pegadas do irmão Floyd, que havia se formado dois anos antes e que, na época, era assistente graduado em psicologia. Em sua autobiografia, Gordon Allport (1967) escreveu: "Quase do dia para a noite meu mundo foi refeito. Meus valores morais básicos, de fato, foram moldados em casa. Novo era o horizonte de intelecto e cultura que agora eu era convidado a explorar" (p. 5). Seu ingresso em Harvard também marcou o início de uma associação de 50 anos com aquela universidade, a qual foi interrompida apenas duas vezes. Quando recebeu seu grau de bacharelado, em 1919, com especialização em filosofia e economia, ele ainda estava incerto quanto a uma carreira futura. Ele havia feito cursos de psicologia e ética social, e ambas as disciplinas deixaram uma impressão duradoura nele. Quando teve a oportunidade de ensinar na Turquia, considerou isso como uma chance de descobrir se gostaria de ensinar. Ele passou o ano acadêmico de 1919-1920 na Europa ensinando inglês e sociologia no Robert College, em Istambul.

Enquanto estava na Turquia, foi oferecida a Allport uma bolsa para estudos de pós-graduação em Harvard. Também recebeu um convite do irmão Fayette para ficar com ele em Viena, onde Fayette estava trabalhando para a comissão de comércio dos Estados Unidos. Em Viena, Allport teve o encontro com Sigmund Freud que descrevemos brevemente na introdução deste capítulo. Esse encontro com Freud influenciou de forma significativa as ideias posteriores de Allport sobre personalidade. Com certa audácia, o jovem de 22 anos escreveu para Freud anunciando que estava em Viena e ofereceu ao "pai da psicanálise" uma oportunidade de se encontrar com ele. O encontro se revelou como um evento fortuito que alterou a vida de Allport. Não sabendo o que falar, o jovem visitante contou a Freud ter visto um menino no bonde anteriormente naquele dia. A criança se queixava para a mãe sobre as condições de sujeira do carro e anunciava que não queria se sentar perto dos passageiros a quem ele julgava como sujos. Allport argumentou que escolheu esse incidente particular para obter a reação de Freud a uma fobia à sujeira em uma criança tão pequena, mas ficou estarrecido quando Freud "fixou seus bondosos olhos terapêuticos em mim e disse: 'E aquele menino era você?'" (Allport, 1967, p. 8). Allport disse que se sentiu culpado e logo mudou de assunto.

Allport contou essa história muitas vezes, raramente alterando alguma palavra, e nunca revelou o resto de seu encontro solitário com Freud. No entanto, Alan Elms descobriu a descrição por escrito de Allport do que aconteceu a seguir. Depois de perceber que Freud estava esperando uma consulta profissional, Allport, então, falou sobre sua aversão a passas cozidas:

Eu disse a ele que achava que isso se devia ao fato de que, aos 3 anos de idade, uma babá me disse que eram

"insetos". Freud perguntou: "Quando você se lembrou desse episódio, sua aversão desapareceu?". Eu disse: "Não". Ele respondeu: "Então, você não chegou ao fundo da questão". (Elms, 1994, p. 77)

Quando Allport voltou aos Estados Unidos, imediatamente se matriculou no programa de doutorado de Harvard. Depois de concluído, passou os dois anos seguintes na Europa, estudando com os grandes psicólogos alemães Max Wertheimer, Wolfgang Kohler, William Stern, Heinz Werner e outros, em Berlim e Hamburgo.

Em 1924, voltou para Harvard para ensinar, entre outras disciplinas, um novo curso de psicologia da personalidade. Em sua autobiografia, Allport (1967) sugeriu que esse curso foi o primeiro de personalidade oferecido em uma faculdade norte-americana. O curso combinava ética social e a busca da bondade e da moralidade com a disciplina científica de psicologia. Ele também refletia as fortes disposições pessoais de Allport de limpeza e moralidade.

Dois anos depois de iniciar sua carreira de ensino em Harvard, Allport assumiu um cargo em Dartmouth College. Quatro anos depois, voltou para Harvard e lá permaneceu pelo resto de sua carreira profissional.

Em 1925, Allport se casou com Ada Lufkin Gould, a quem havia conhecido quando ambos eram estudantes de pós-graduação. Ada Allport, que fez mestrado em psicologia clínica em Harvard, teve o treinamento clínico que seu marido não possuía. Ela foi uma valiosa colaboradora com o trabalho de Gordon, especialmente em dois extensos estudos de caso: o de Jenny Gove Masterson (discutido na seção *O estudo do indivíduo*) e o de Marion Taylor, o qual nunca foi publicado (Barenbaum, 1997).

Os Allport tiveram um filho, Robert, que se tornou pediatra e, assim, colocou Allport entre duas gerações de médicos, um fato que parecia tê-lo agradado em grande medida (Allport, 1967). Os prêmios e honrarias foram muitos. Em 1939, ele foi eleito presidente da American Psychological Association (APA). Em 1963, recebeu a Medalha de Ouro da APA; em 1964, foi agraciado com o Distinguished Scientific Contribution Award da APA; e, em 1966, foi homenageado como o primeiro professor Richard Clarke Cabot de Ética Social em Harvard. Em 9 de outubro de 1967, Allport, um fumante inveterado, morreu de câncer no pulmão.

## ABORDAGEM DE ALLPORT DA TEORIA DA PERSONALIDADE

As respostas a três perguntas inter-relacionadas revelam a abordagem de Allport da teoria da personalidade: (1) O que é personalidade? (2) Qual é o papel da *motivação consciente* na teoria da personalidade? (3) Quais são as características da pessoa psicologicamente saudável?

## O que é personalidade?

Poucos psicólogos foram tão meticulosos e exaustivos quanto Allport na definição de termos. Sua busca de uma definição da personalidade é clássica. Ele rastreou a etimologia da palavra *persona* até as raízes gregas, incluindo o significado em latim antigo e etrusco. Como vimos no Capítulo 1, a palavra “personalidade” provavelmente tem origem em *persona*, que se refere à máscara proveniente do teatro grego antigo e usada pelos atores romanos durante o primeiro e o segundo século antes de Cristo. Após rastrear a história do termo, Allport especificou 49 definições de personalidade usadas em teologia, filosofia, direito, sociologia e psicologia. Ele, então, apresentou uma 50ª definição, que, em 1937, era “*a organização dinâmica dentro do indivíduo daqueles sistemas psicofísicos que determinam seus ajustes únicos a seu ambiente*” (Allport, 1937, p. 48). Em 1961, ele mudou a última sentença para “que determinam seu comportamento e pensamento característicos” (Allport, 1961, p. 28). A mudança foi significativa e refletia a propensão de Allport à exatidão. Em 1961, ele percebeu que a sentença “ajustes a seu ambiente” poderia implicar que as pessoas meramente se adaptam a seu ambiente. Em sua última definição, Allport transmitia a ideia de que o comportamento é *expressivo*, além de adaptativo. As pessoas não só se ajustam ao próprio ambiente como interagem e se refletem nele, de modo a fazer com que também o ambiente se molde a elas.

Allport escolheu cuidadosamente cada sentença de sua definição, para que cada palavra transmitisse com precisão o que ele queria dizer. A expressão *organização dinâmica* implica uma integração ou inter-relação de vários aspectos da personalidade. A personalidade é organizada e padronizada. No entanto, a organização está sempre sujeita a mudança: daí o qualificador “dinâmica”. A personalidade não é uma organização estática; ela está constantemente crescendo ou mudando. O termo *psicofísicos* enfatiza a importância dos aspectos psicológicos e físicos da personalidade.

Outra palavra na definição que implica ação é *determinam*, sugerindo que “a personalidade é alguma coisa e faz alguma coisa” (Allport, 1961, p. 29). Em outras palavras, a personalidade não é meramente a máscara que usamos, nem é apenas o comportamento. Ela se refere ao indivíduo por trás da fachada, à pessoa por trás da ação.

Por *característicos*, Allport sugeriu “individual” ou “único”. A palavra “caráter” originalmente significava uma marca ou gravação, termos que conferem sabor ao que Allport queria dizer com “característicos”. Todas as pessoas registram sua marca única ou gravação em sua personalidade, e seu comportamento e pensamento característicos as distinguem de todas as demais pessoas. As características são marcadas com uma gravação única, uma estampa ou registro, que ninguém mais consegue duplicar. As palavras *comportamento e pensamento* apenas se referem a algo que

a pessoa faz. Trata-se de termos globais que pretendem incluir comportamentos internos (pensamentos) e externos, como palavras e ações.

A abrangente definição da personalidade de Allport sugere que os seres humanos são as duas coisas: produto e processo; as pessoas têm uma estrutura organizada; ao mesmo tempo, elas possuem a capacidade de mudar. Padrão coexiste com crescimento; ordem, com diversificação.

Em resumo, a personalidade é tanto física quanto psicológica; ela inclui comportamentos explícitos e pensamentos encobertos; ela não somente é alguma coisa, mas faz alguma coisa. A personalidade é substância e mudança, produto e processo, estrutura e crescimento.

## Qual é o papel da motivação consciente?

Mais do que qualquer outro teórico, Allport enfatizou a importância da motivação consciente. Os adultos sadios são, em geral, conscientes do que estão fazendo e de suas razões para fazê-lo. Sua ênfase na motivação consciente remonta a seu encontro em Viena com Freud e sua reação emocional à pergunta do médico vienense: “E aquele menino era você?”. A resposta de Freud tinha a implicação de que seu visitante de 22 anos estava falando inconscientemente da própria mania de limpeza ao revelar a história do menino limpo no bonde. Allport (1967) insistia em que sua motivação era bem consciente – ele simplesmente queria conhecer as ideias de Freud acerca da fobia por sujeira em uma criança tão pequena.

Ainda que Freud presumisse um significado inconsciente subjacente para a história do menino no bonde, Allport estava inclinado a aceitar os autorrelatos de modo mais literal. “Essa experiência ensinou-me que a psicologia profunda, por todos os seus méritos, pode mergulhar muito fundo e que os psicólogos fariam muito bem em dar total reconhecimento aos motivos manifestos antes de sondarem o inconsciente” (Allport, 1967, p. 8).

Entretanto, Allport (1961) não ignorou a existência ou mesmo a importância dos processos inconscientes. Ele reconheceu o fato de que alguma motivação é incitada por impulsos ocultos e impulsos sublimados. Ele acreditava, por exemplo, que a maioria dos comportamentos compulsivos é de repetições automáticas, em geral autodestrutivas e motivadas por tendências inconscientes. Eles com frequência se originam na infância e mantêm um aspecto infantil na vida adulta.

## Quais são as características da pessoa sadia?

Muito antes de Abraham Maslow (ver Cap. 9) ter tornado popular o conceito de autoatualização, Gordon Allport (1937) formulou hipóteses profundas acerca dos atributos da personalidade madura. O interesse de Allport na pessoa psicologicamente sadia remonta a 1922, ano em que

ele concluiu seu doutorado. Não tendo habilidade particular em matemática, biologia, medicina ou manipulações laboratoriais, Allport (1967) foi forçado a “encontrar [seu] próprio caminho no terreno humanista da psicologia” (p. 8). Esse terreno o conduziu a um estudo da personalidade psicologicamente madura.

Alguns pressupostos gerais são necessários para compreender a concepção de Allport da personalidade madura. Primeiro, as pessoas psicologicamente maduras são caracterizadas pelo comportamento **proativo**; ou seja, elas não reagem aos estímulos externos, mas são capazes de agir conscientemente sobre seu ambiente de formas novas e inovadoras e fazem o ambiente reagir a elas. O comportamento proativo não é apenas direcionado para reduzir tensões, mas também para criar novas.

Além disso, as personalidades maduras têm maior probabilidade do que as perturbadas de serem motivadas por processos conscientes, o que lhes permite maior flexibilidade e autonomia em comparação às pessoas que não são sadias, que permanecem dominadas por motivos inconscientes que se originam das experiências da infância.

As pessoas sadias, em geral, experimentaram uma infância relativamente livre de traumas, muito embora seus anos posteriores possam ser temperados por conflito e sofrimento. Os indivíduos psicologicamente sadios não deixam de ter suas deficiências e idiossincrasias que os tornam únicos. Além disso, idade não é um requisito para maturidade, apesar de as pessoas sadias parecerem mais maduras conforme ficam mais velhas.

Quais, então, são os requisitos específicos para a saúde psicológica? Allport (1961) identificou seis critérios para a personalidade madura.

O primeiro é uma *extensão do senso de self*. As pessoas maduras procuram continuamente se identificar com eventos externos e deles participar. Elas não são autocentradass, mas são capazes de se envolver em problemas e atividades que não estão focadas nelas. Elas desenvolvem um interesse altruísta pelo trabalho, pelo esporte e pela recreação. Interesse social (*Gemeinschaftsgefühl*), família e vida espiritual são importantes para elas. Por fim, essas atividades externas se tornam parte do próprio ser. Allport (1961) resumiu esse primeiro critério afirmado: “Todos possuem amor por si mesmos, mas somente a ampliação do *self* é a marca da maturidade.” (p. 285).

Segundo, as personalidades maduras são caracterizadas por uma “*relação cordial do self com os outros*” (Allport, 1961, p. 285). Elas possuem a capacidade de amar os outros de maneira íntima e compassiva. A relação cordial, é claro, depende da capacidade de ampliar o senso de *self*. Somente olhando além de si mesmas é que as pessoas maduras podem amar os outros de modo não possessivo e desinteressado. Os indivíduos psicologicamente sadios tratam as outras pessoas com respeito e percebem que as necessidades, os desejos e as esperanças dos outros não são

completamente estranhos aos deles. Além disso, expressam uma atitude sexual sadia e não exploram os outros para gratificação pessoal.

Um terceiro critério é a *segurança emocional* ou *autoaceitação*. Os indivíduos maduros se aceitam pelo que são e possuem o que Allport (1961) chamou de equilíbrio emocional. Essas pessoas psicologicamente sadias não ficam perturbadas em demasia quando as coisas não ocorrem conforme planejado ou quando elas estão apenas “tendo um dia ruim”. Elas não se apegam a irritações menores e reconhecem que as frustrações e inconveniências fazem parte da vida.

Quarto, as pessoas psicologicamente sadias também possuem uma *percepção realista* do ambiente. Elas não vivem em um mundo de fantasia ou torcem a realidade para que se encaixe em seus próprios desejos. Elas são orientadas para o problema, em vez de autocentradass, e estão em contato com o mundo como é visto pela maioria das pessoas.

Um quinto critério é *insight e humor*. As pessoas maduras se conhecem e, portanto, não têm necessidade de atribuir os próprios erros e fraquezas aos outros. Elas também têm um senso de humor não hostil, o qual lhes dá a capacidade de rirem de si mesmas, em vez de se basearem em temas sexuais ou agressivos para produzir riso nos outros. Allport (1961) acreditava que *insight* e humor estão intimamente relacionados e podem ser aspectos da mesma coisa, ou seja, a objetificação do *self*. Os indivíduos sadios veem-se objetivamente. Eles são capazes de perceber as incongruências e os absurdos na vida e não têm a necessidade de fingir ou de se vangloriar.

O critério final de maturidade é uma *filosofia de vida unificadora*. As pessoas sadias possuem uma visão clara do propósito da vida. Sem essa visão, seu *insight* seria vazio e estéril e seu humor seria trivial e cínico. A filosofia de vida unificadora pode ou não ser religiosa, mas Allport (1954, 1963), em nível pessoal, parece ter achado que uma orientação religiosa madura é um ingrediente essencial na vida da maioria dos indivíduos maduros. Ainda que muitas pessoas frequentadoras da igreja tenham filosofia religiosa imatura e preconceitos raciais e étnicos limitados, aquelas muito religiosas são relativamente livres desses preconceitos. A pessoa com uma atitude religiosa madura e uma filosofia de vida unificadora tem uma consciência bem-desenvolvida e, muito provavelmente, um forte desejo de servir aos outros.

## ESTRUTURA DA PERSONALIDADE

A estrutura da personalidade refere-se a suas unidades básicas ou componentes fundamentais. Para Freud, as unidades básicas eram os instintos; para Eysenck (ver Cap. 14), eram fatores biologicamente determinados. Para Allport, as estruturas mais importantes são aquelas que permitem a descrição da pessoa em termos das características indivi-

duais, e ele denominou essas características individuais de *disposições pessoais*.

## Disposições pessoais

Durante a maior parte de sua carreira, Allport foi cuidadoso em distinguir entre *traços comuns* e traços individuais. **Traços comuns** são as características gerais que muitas pessoas têm em comum. Eles podem ser inferidos de estudos analíticos sobre fatores, como aqueles conduzidos por Eysenck e os autores da Teoria dos Cinco Fatores (ver Cap. 13), ou podem ser revelados por vários inventários da personalidade. Os traços comuns fornecem os meios pelos quais as pessoas dentro de determinada cultura podem ser comparadas entre si.

Enquanto os traços comuns são importantes para estudos que fazem comparações entre as pessoas, as **disposições pessoais** são de importância ainda maior, porque permitem aos pesquisadores estudar um único indivíduo. Allport (1961) definiu uma disposição pessoal como “uma estrutura neuropsíquica generalizada (peculiar ao indivíduo), com a capacidade de tornar muitos estímulos funcionalmente equivalentes e iniciar e guiar formas coerentes (equivalentes) de comportamento adaptativo e de estilo” (p. 373). A distinção mais importante entre uma disposição pessoal e um traço comum está indicada pela expressão “peculiar ao indivíduo”. As disposições pessoais são individuais; os traços comuns são compartilhados por várias pessoas.

Para identificar as disposições pessoais, Allport e Henry Odber (1936) contaram quase 18 mil (17.953, para ser exato) palavras pessoalmente descritivas na edição de 1925 do *Novo Dicionário Internacional Webster*, cerca de um quarto das quais descrevia características de personalidade. Alguns desses termos, em geral referidos como *traços*, descrevem características relativamente estáveis, como “sociável” ou “introvertido”; outros, em geral referidos como *estados*, descrevem características temporárias, como “feliz” ou “com raiva”; outros, descreviam características avaliativas ainda como “desagradável” ou “maravilhoso”; ou características físicas, como “alto” ou “obeso”.

Quantas disposições pessoais um indivíduo tem? Essa pergunta não pode ser respondida sem referência ao grau de dominância que cada disposição pessoal possui na vida do indivíduo. Se contarmos essas disposições pessoais que são centrais para uma pessoa, então cada uma provavelmente tem 10 ou menos. No entanto, se todas as tendências forem incluídas, então cada pessoa pode ter centenas de disposições pessoais.

## Níveis de disposições pessoais

Allport colocou as disposições pessoais em um *continuum*, desde aquelas que são mais centrais até aquelas que são apenas de importância periférica para uma pessoa.

**Disposições cardinais.** Algumas pessoas possuem uma característica ou paixão predominante tão excepcional que ela domina suas vidas. Allport (1961) chamou essas disposições pessoais de **disposições cardinais**. Elas são tão óbvias que não podem ser escondidas; quase toda ação na vida de uma pessoa gira em torno dessa disposição cardinal. A maioria das pessoas não possui uma disposição cardinal, mas as poucas que a possuem costumam ser conhecidas por essa característica.

Allport identificou várias pessoas históricas e personagens ficcionais que possuíam uma disposição tão excepcional que elas contribuíram para nossa língua com uma nova palavra. Alguns exemplos dessas disposições cardinais incluem quixotesco, chauvinista, narcisista, sádico, um Don Juan, entre outras. Como as disposições cardinais são individuais e não são compartilhadas com ninguém, apenas Dom Quixote era verdadeiramente quixotesco; apenas Narciso era completamente narcisista; apenas o Marquês de Sade possuía a disposição cardinal do sadismo. Quando esses nomes são usados para descrever características em outros, eles se tornam traços comuns.

**Disposições centrais.** Poucas pessoas possuem disposições cardinais, mas todas apresentam várias **disposições centrais**, as quais incluem as 5 a 10 características mais excepcionais em torno das quais se foca a vida de um indivíduo. Allport (1961) descreveu as disposições centrais como aquelas que seriam listadas em uma carta de recomendação detalhada, escrita por alguém que conhecesse a pessoa muito bem. Na seção O estudo do indivíduo, examinaremos uma série de cartas escritas para Gordon e Ada Allport por uma mulher que eles chamaram de Jenny. O conteúdo dessas cartas constitui uma rica fonte de informações acerca da escritora. Também veremos que três análises separadas dessas cartas revelaram que Jenny poderia ser descrita por cerca de oito disposições centrais, ou seja, características fortes o suficiente para serem detectadas por cada um desses três procedimentos separados. Do mesmo modo, a maioria das pessoas, acreditava Allport, possui de 5 a 10 disposições centrais, as quais seus amigos e conhecidos próximos concordariam que são descritivas daquela pessoa.

**Disposições secundárias.** Menos visíveis, mas em número muito maior do que as disposições centrais, são as **disposições secundárias**. Todos possuem muitas disposições secundárias que não são centrais à personalidade e, no entanto, ocorrem com alguma regularidade e são responsáveis por muitos dos comportamentos específicos da pessoa.

Os três níveis de disposições pessoais são, é claro, pontos arbitrários em uma escala contínua desde o mais apropriado até o menos apropriado. As disposições cardinais, que são bastante proeminentes em uma pessoa, obscurecem as disposições centrais, que são menos dominantes, porém marcam a pessoa como única. As dispo-

sições centrais, que guiam boa parte do comportamento adaptativo e estilístico de uma pessoa, misturam-se com as disposições secundárias, as quais são menos descriptivas daquele indivíduo. Não podemos dizer, no entanto, que as disposições secundárias de uma pessoa sejam menos intensas do que as disposições centrais de outra. Comparações entre os indivíduos são inapropriadas para as disposições pessoais, e qualquer tentativa de fazer tal aproximação transforma as disposições pessoais em traços comuns (Allport, 1961).

### **Disposições motivacionais e estilísticas**

Todas as disposições pessoais são dinâmicas, no sentido de que têm força motivacional. No entanto, algumas são sentidas com muito mais força do que outras, e Allport chamou essas disposições intensamente experimentadas de *disposições motivacionais*. Tais disposições sentidas de modo intenso recebem sua motivação das necessidades e dos impulsos básicos. Allport (1961) referiu-se às disposições pessoais que são experimentadas com menos intensidade como *disposições estilísticas*, mesmo que essas disposições possuam alguma força motivacional. As disposições estilísticas *guiam a ação*, enquanto as disposições motivacionais *iniciam a ação*. Um exemplo de uma disposição estilística pode ser a aparência pessoal asseada e impecável. As pessoas são motivadas a se vestirem devido a uma necessidade básica de se manterem aquecidas, porém a maneira como elas se vestem é determinada por suas disposições pessoais. As disposições motivacionais são um pouco parecidas com o conceito de Maslow de comportamento de enfrentamento, enquanto as disposições estilísticas são semelhantes à ideia de Maslow de comportamento expressivo (ver Cap. 9).

Ao contrário de Maslow, que traçou uma linha clara entre os comportamentos de enfrentamento e expressivo, Allport não via uma divisão clara entre as disposições pessoais motivacionais e estilísticas. Ainda que algumas disposições sejam claramente estilísticas, outras são baseadas em uma necessidade fortemente sentida e são, assim, motivacionais. A educação, por exemplo, é uma disposição estilística, enquanto comer é mais motivacional. O modo como as pessoas comem (seu estilo) depende, pelo menos em parte, do quanto elas estão com fome, mas isso também depende da força de suas disposições estilísticas. Uma pessoa em geral polida, mas com fome, pode renunciar às boas maneiras enquanto come sozinha, mas, se a disposição de polidez for suficientemente forte e se outros estiverem presentes, então a pessoa poderá comer com etiqueta e polidez, apesar de estar faminta.

### **Proprium**

Sejam elas motivacionais ou estilísticas, algumas disposições pessoais estão próximas do centro da personalidade,

enquanto outras estão mais na periferia. Aquelas que estão no centro da personalidade são experimentadas pela pessoa como uma parte importante do *self*. Elas são características a que um indivíduo se refere em termos do tipo: "Este sou eu" ou "Isto é meu". Todas as características que são "peculiarmente minhas" pertencem ao *proprium* (Allport, 1955).

Allport usou o termo *proprium* para se referir a comportamentos e características que as pessoas consideram como vitais, centrais e importantes em suas vidas. O *proprium* não é a personalidade integral, porque muitas características e comportamentos de uma pessoa não são vitais e centrais; ao contrário, eles existem na periferia da personalidade. Esses comportamentos não apropriados incluem (1) impulsos e necessidades básicas que costumam ser atendidos e satisfeitos sem muita dificuldade; (2) costumes tribais como usar roupas, dizer "olá" para as pessoas e dirigir pelo lado direito da rua; e (3) comportamentos habituais, como fumar ou escovar os dentes, que são realizados automaticamente e que não são essenciais para o senso de *self*.

Como centro vital da personalidade, o *proprium* inclui aqueles aspectos da vida que a pessoa considera como importantes para um senso de identidade e autocrescimento (Allport, 1955). O *proprium* inclui os valores de uma pessoa e aquela parte da consciência que é pessoal e coerente com as crenças adultas do indivíduo. Uma consciência generalizada – compartilhada pela maioria das pessoas dentro de determinada cultura – pode ser somente periférica para o senso de personalidade de uma pessoa e, assim, está fora de seu *proprium*.

## **MOTIVAÇÃO**

Allport acreditava que a maioria das pessoas é motivada por impulsos presentes e não por eventos passados, está consciente do que está fazendo e tem alguma compreensão de por que está fazendo. Ele também apontava que as teorias da motivação precisam considerar as diferenças entre os motivos periféricos e os **esforços do *proprium***. Motivos periféricos são aqueles que *reduzem uma necessidade*, enquanto os esforços do *proprium* procuram *manter a tensão e o desequilíbrio*. O comportamento adulto é reativo e proativo, e uma teoria adequada da motivação deve ser capaz de explicar ambos.

### **Uma teoria da motivação**

Para Allport, uma teoria útil da personalidade reside no pressuposto de que as pessoas não só reagem ao ambiente como também o moldam e o fazem reagir a elas. A personalidade é um sistema em crescimento, permitindo que novos elementos entrem constantemente na pessoa e a modifiquem.

Allport (1960) acreditava que muitas teorias mais antigas da personalidade não possibilitavam o crescimento. A psicanálise e as várias teorias da aprendizagem são em essência, teorias homeostáticas, ou **reativas**, porque elas veem as pessoas como motivadas, a princípio, pelas necessidades de reduzir a tensão e retornar a um estado de equilíbrio.

Uma teoria adequada da personalidade, argumentava Allport, deve permitir o *comportamento proativo*; precisa encarar as pessoas como agindo conscientemente sobre seu ambiente, de uma maneira que permita o crescimento em direção à saúde psicológica. Uma teoria abrangente deve não só incluir uma explicação das teorias reativas, mas também aquelas teorias proativas que enfatizam a mudança e o crescimento. Em outras palavras, Allport defendia uma psicologia que, por um lado, estudasse os padrões comportamentais e as leis gerais (o tema da psicologia tradicional); e, por outro, o crescimento e a individualidade.

Allport alegava que as teorias dos motivos imutáveis são incompletas, porque limitam-se a uma explicação do comportamento reativo. A pessoa madura, no entanto, não é motivada somente a procurar prazer e a reduzir a dor, mas a adquirir novos sistemas de motivação, que são funcionalmente independentes de seus motivos originais.



Às vezes, as pessoas são motivadas a procurar tensão, não meramente reduzi-la.

### Autonomia funcional

O conceito de **autonomia funcional** representa o postulado mais característico de Allport e, ao mesmo tempo, mais controverso. Autonomia é a explicação de Allport (1961) para a miríade de motivos humanos que, aparentemente, não são explicados pelos princípios hedonistas ou de redução do impulso. Ela representa uma teoria de mudança, em vez de motivos imutáveis, e é o ponto alto das ideias de Allport sobre motivação.

Em geral, o conceito de autonomia funcional sustenta que alguns motivos humanos são funcionalmente independentes do motivo original responsável pelo comportamento. Se um motivo for funcionalmente autônomo, ele será a explicação para o comportamento, e não é preciso procurar causas ocultas ou primárias. Em outras palavras, se acumular dinheiro é um motivo funcionalmente autônomo, então o comportamento do avarento *não* é rastreável até experiências da infância com o treinamento dos estínteres ou com recompensas e punições. Em vez disso, o avarento simplesmente *gosta* de dinheiro, e esta é a única explicação necessária. Tal noção de que boa parte do comportamento humano está baseada em interesses presentes e em preferências conscientes está em harmonia com a crença do senso comum de muitas pessoas que afirmam que elas fazem as coisas simplesmente porque fazem.

A autonomia funcional é uma reação ao que Allport chamou de teorias de motivos imutáveis, ou seja: o princípio do prazer de Freud e a hipótese de redução do impulso da psicologia do estímulo-resposta. Allport sustentava que ambas as teorias estão preocupadas com *fatos históricos*, em vez de *fatos funcionais*. Segundo ele, que os motivos adultos são construídos, principalmente, sobre sistemas conscientes, autônomos e contemporâneos. A autonomia funcional representa a tentativa de explicar essas motivações conscientes e autônomas.

Admitindo que algumas motivações são inconscientes e outras são o resultado da redução do impulso, Allport sustentava que, como alguns comportamentos são funcionalmente autônomos, as teorias de motivos imutáveis são inadequadas. Ele listou quatro requisitos de uma teoria adequada da motivação. A autonomia funcional, é claro, satisfaz cada critério.

1. Uma teoria adequada da motivação “*reconhecerá a contemporaneidade dos motivos*”. Em outras palavras: “O que quer que nos move, deve mover agora” (Allport, 1961, p. 220). O passado *per se* não é importante. A história de um indivíduo é significativa somente quando ela tem um efeito atual sobre a motivação.
2. “*Ela será uma teoria pluralista – permitindo motivos de muitos tipos*” (Allport, 1961, p. 221). Nesse ponto, Allport era crítico de Freud e sua teoria dos dois instintos, de Adler e o esforço pelo sucesso e de todas as teorias que enfatizam a autoactualização como o motivo fi-

nal. Allport opunha-se de forma enfática à redução de todo comportamento humano a um impulso-mestre. Ele argumentava que os motivos adultos são, basicamente, diferentes daqueles das crianças e que as motivações dos indivíduos neuróticos não são as mesmas das pessoas normais. Além disso, algumas motivações são conscientes, outras inconscientes; algumas são transitórias, outras recorrentes; algumas são periféricas, outras incorporadas; e algumas reduzem a tensão e outras a mantêm. Os motivos que parecem ser diferentes realmente são distintos, não somente na forma, mas também na substância.

3. "Ela atribuirá força dinâmica aos processos cognitivos – por exemplo, ao planejamento e à intenção" (Allport, 1961, p. 222). Allport argumentava que a maioria das pessoas está ocupada vivendo no futuro, mas que muitas teorias psicológicas estão "ocupadas rastreando essas vidas no passado. E, enquanto parece para cada um de nós que somos espontaneamente *ativos*, muitos psicólogos estão nos dizendo que somos apenas *reativos*" (p. 206). Ainda que a intenção esteja envolvida em toda a motivação, esse terceiro requisito se refere mais em geral à intenção de longo alcance. Uma mulher não aceita um convite para assistir a um filme porque *prefere* estudar anatomia. Essa preferência é coerente com seu *propósito* de tirar boas notas na faculdade e relaciona-se a seus *planos* de ser admitida na escola médica, o que é necessário para que ela satisfaça sua intenção de se tornar médica. A vida das pessoas sadias é orientada para o futuro, envolvendo preferências, propósitos, planos e intenções. Tais processos, é claro, nem sempre são completamente racionais, como quando as pessoas permitem que sua raiva domine seus planos e intenções.
4. Uma teoria adequada da motivação é aquela que "permirá a singularidade concreta dos motivos" (Allport, 1961, p. 225). Um motivo único concreto é diferente de um generalizado abstrato, este último estando fundamentado em uma teoria preexistente, em vez de na verdadeira motivação de uma pessoa real. Um exemplo de um motivo único concreto é Derrick, interessado em melhorar seu jogo de boliche. Seu motivo é concreto, e sua maneira de buscar a melhoria é única para ele. Algumas teorias da motivação podem atribuir o comportamento de Derrick a uma necessidade agressiva, outros a um impulso sexual inibido e outros ainda a um impulso secundário aprendido com base em um impulso primário. Allport simplesmente diria que Derrick deseja melhorar seu jogo de boliche porque ele quer aprimorar seu jogo de boliche. Esse é o motivo único, concreto e funcionalmente autônomo de Derrick.

Em resumo, um motivo funcionalmente autônomo é contemporâneo e autossustentável; ele se desenvolve a

partir de um motivo anterior, mas é funcionalmente independente dele. Allport (1961) definiu autonomia funcional como "um sistema de motivação adquirido, no qual as tensões envolvidas não são do mesmo tipo que as tensões antecedentes a partir das quais o sistema adquirido se desenvolveu" (p. 229). Em outras palavras, o que começa como um motivo pode evoluir para outro, que é subsequente ao primeiro, porém, no aspecto funcional, é autônomo em relação ao anterior. Por exemplo, uma pessoa pode, em princípio, plantar um pomar para satisfazer um impulso de fome, mas acabar se interessando pela jardinagem em si.

### **Autonomia funcional perseverativa**

O mais elementar dos dois níveis de autonomia funcional é a **autonomia funcional perseverativa**. Allport retirou esse termo da palavra "perseveração", que é a tendência de uma impressão deixar uma influência na experiência subsequente. A autonomia funcional perseverativa é encontrada nos animais e também nos humanos e está baseada em princípios neurológicos simples. Um exemplo de autonomia funcional perseverativa é um rato que aprendeu a percorrer um labirinto para ser alimentado, mas depois continua a correr pelo labirinto mesmo após ficar saciado. Por que ele continua a correr? Allport diria que o rato corre no labirinto apenas pela diversão de fazer isso.

Allport (1961) listou outros exemplos de autonomia funcional perseverativa que envolvem a motivação humana, em vez de animal. O primeiro é a adição ao álcool, ao tabaco ou a outras drogas, quando não existe uma fome fisiológica por eles. Os alcoólicos continuam a beber, embora sua motivação atual seja funcionalmente independente de seu motivo original.

Outro exemplo se refere a tarefas incompletas. Um problema iniciado, mas interrompido, irá perseverar, criando uma nova tensão para concluir a tarefa. Essa nova tensão é diferente da motivação inicial. Por exemplo, uma universitária recebe 10 centavos para cada peça de um quebra-cabeça de 500 peças que ela encaixou com sucesso. Presuma que ela não tenha um interesse preexistente na solução de quebra-cabeças e que sua motivação original seja unicamente dinheiro. Presuma também que sua recompensa monetária esteja limitada a \$45; portanto, depois que ela completou 450 peças, terá maximizado seu pagamento. Essa estudante terminará as 50 peças restantes na ausência de recompensa monetária? Em caso afirmativo, será criada uma nova tensão, e o seu motivo para concluir a tarefa será funcionalmente autônomo em relação ao motivo original de ser paga.

### **Autonomia funcional do proprium**

O sistema-mestre de motivação que confere unidade à personalidade é a **autonomia funcional do proprium**, a qual se refere àqueles motivos autossustentáveis que estão

relacionados ao *proprium*. Jogos de quebra-cabeça e álcool raras vezes são considerados como "exclusivamente meus". Eles não fazem parte do *proprium*, mas existem somente na periferia da personalidade. Entretanto, ocupações, *hobbies* e interesses estão mais próximos do centro da personalidade, e muitas das nossas motivações referentes a eles tornam-se funcionalmente autônomas. Por exemplo, uma mulher pode, originalmente, assumir um emprego porque precisa de dinheiro. No início, o trabalho não é interessante, talvez seja até desagradável. Conforme passam os anos, no entanto, ela desenvolve uma grande paixão pelo trabalho em si, passando parte do seu tempo de férias no trabalho e, talvez, até mesmo desenvolvendo um *hobby* que esteja intimamente relacionado a sua ocupação.

### Critério para a autonomia funcional

Em geral, um motivo presente é funcionalmente autônomo conforme ele procura novos objetivos, significando que o comportamento continuará mesmo quando a motivação para ele se modificar. Por exemplo, uma criança que está começando a aprender a andar está motivada por um impulso maturacional, mas, posteriormente, ela pode andar para aumentar a mobilidade ou para desenvolver autoconfiança. Do mesmo modo, uma cientista que, no início, dedicou-se a encontrar respostas para problemas difíceis pode acabar obtendo mais satisfação com a pesquisa do que com a solução. Nesse ponto, sua motivação torna-se funcionalmente independente do motivo original de encontrar respostas. Ela pode, então, procurar outra área de investigação, mesmo que o novo campo seja diferente do anterior. Novos problemas podem levá-la a buscar novos objetivos e a estabelecer níveis mais altos de aspiração.



Uma pessoa pode começar a correr para perder peso, mas continua porque correr é agradável. O motivo para continuar a correr é, então, funcionalmente autônomo da razão para começar a correr.

### Processos que não são funcionalmente autônomos

A autonomia funcional não é uma explicação para todo comportamento humano. Allport (1961) listou oito processos que não são funcionalmente autônomos: (1) impulsos biológicos, como comer, respirar e dormir; (2) motivos ligados diretamente à redução dos impulsos básicos; (3) ações reflexas, como piscar os olhos; (4) equipamento constitucional, como a psique, a inteligência e o temperamento; (5) hábitos no processo de formação; (6) padrões de comportamento que requerem reforço primário; (7) sublimações que podem ser vinculadas a desejos sexuais infantis; e (8) alguns sintomas neuróticos ou patológicos.

O oitavo processo (sintomas neuróticos ou patológicos) pode ou não envolver motivos funcionalmente autônomos. Para um exemplo de um sintoma compulsivo que não era funcionalmente autônomo, Allport (1961) apresentou o caso de uma menina de 12 anos que tinha o hábito perturbador de estalar os lábios várias vezes por minuto. Tal hábito tinha começado cerca de oito anos antes, quando a mãe da menina disse que, quando ela inspirava, aquele era um ar bom e, quando expirava, aquele era um ar ruim. Como a menina achava que tornava seu ar ruim ao expeli-lo, ela decidiu beijá-lo para torná-lo bom. Conforme seu hábito persistiu, ela reprimiu a razão para sua compulsão e continuou "beijando" o ar mau, um comportamento que assumiu a forma de estalar os lábios. Tal comportamento não era funcionalmente autônomo, mas resultado de uma necessidade compulsiva de impedir que o ar bom se transformasse em ruim.

Allport sugeriu um critério para diferenciar entre uma compulsão funcionalmente autônoma e uma que não é. Por exemplo, compulsões que podem ser eliminadas por meio de terapia ou modificação do comportamento não são funcionalmente autônomas, enquanto aquelas muito resistentes à terapia são autossustentáveis e, assim, funcionalmente autônomas. Quando a terapia permitiu que a menina de 12 anos descobrisse a razão para seu hábito, ela conseguiu parar de estalar os lábios. Todavia, alguns sintomas patológicos servem como um estilo de vida contemporâneo e são funcionalmente autônomos a partir de experiências anteriores que instigaram a patologia. Por exemplo, as tentativas de um segundo filho de ultrapassar seu irmão mais velho podem se transformar em um estilo compulsivo, marcado por esforços inconscientes de superar ou derrotar todos os rivais. Como uma neurose tão arraigada provavelmente não é receptiva à terapia, ela satisfaz o critério de Allport de ser funcionalmente autônoma.

## O ESTUDO DO INDIVÍDUO

Pelo fato de a psicologia historicamente lidar com as leis e as características gerais que as pessoas têm em comum, Allport defendia consistentemente o desenvolvimento e o

uso de métodos de pesquisa que estudem o indivíduo. Para equilibrar a abordagem normativa ou grupal predominante, ele sugeriu que os psicólogos empregassem métodos que abordassem os comportamentos motivacionais e estilísticos de uma pessoa.

## Ciência morfogênica

Em seus primeiros escritos, Allport distinguiu entre duas abordagens científicas: a *nomotética*, que busca as leis gerais; e a *idiográfica*, que se refere ao que é peculiar ao caso único. Como o termo "idiográfico" foi, com frequência, utilizado erroneamente, mal entendido e mal grafado (sendo confundido com "ideográfico", a representação de ideias por meio de símbolos gráficos), Allport (1968) abandonou essa nomenclatura em seus escritos posteriores e falava de *procedimentos morfogênicos*. Tanto "idiográfico" quanto "morfogênico" são relativos ao indivíduo, porém "idiográfico" não sugere estrutura ou padrão. Em contraste, "morfogênico" refere-se a propriedades padronizadas de todo o organismo e permite comparações intrapessoais. O padrão ou a estrutura das disposições pessoais de um indivíduo é importante. Por exemplo, Tyrone pode ser inteligente, introvertido e fortemente motivado pelas necessidades de realização, mas a maneira única que sua inteligência está relacionada a sua introversão e a cada uma de suas necessidades de realização forma um padrão estruturado. Esses padrões individuais são o tema da ciência morfogênica.

Quais são os métodos da psicologia morfogênica? Allport (1962) listou muitos: alguns, completamente morfogênicos; outros, parcialmente. Exemplos de métodos completamente morfogênicos são relatos integrais, entrevistas, sonhos, confissões, diários, cartas, alguns questionários, documentos expressivos, documentos projetivos, trabalhos literários, formas de arte, escritos automáticos, rabiscos, apertos de mão, padrões de voz, gestos corporais, caligrafia, marcha e autobiografias.

Quando Allport conheceu Hans Eysenck, o famoso analista dos fatores, britânico e partidário da ciência nomotética (ver Cap. 14), ele disse que Eysenck um dia escreveria uma autobiografia. Eysenck (1997b), de fato, acabou publicando uma autobiografia, em que ele admitia que Allport estava certo e que métodos morfogênicos como descrição da própria vida e do trabalho podem ter validade.

As abordagens semimorfogênicas incluem escalas de autoclassificação, como a *checklist* de adjetivos; testes padronizados, em que as pessoas são comparadas com elas mesmas, em vez de com um grupo de normas; o *Estudo dos valores* (1960), de Allport-Vernon-Lindzey; e a técnica Q-sort, de Stephenson (1953), que discutimos no Capítulo 10.

Coerente com o senso comum, mas contrário a muitos psicólogos, Allport estava disposto a aceitar, por seu próprio valor, as declarações de autorrevelação da maioria dos participantes em um estudo. Um psicólogo que deseje

aprender a dinâmica pessoal dos indivíduos precisa simplesmente pedir-lhes que pensem em si mesmos. As respostas a perguntas diretas devem ser aceitas como válidas, a menos que a pessoa seja uma criança pequena, um indivíduo psicótico ou extremamente defensivo. Allport (1962) disse que "com frequência, fracassamos em consultar a mais rica de todas as fontes de dados, ou seja, o próprio autoconhecimento do sujeito" (p. 413).

## Os diários de Marion Taylor

Durante o final da década de 1930, Allport e sua esposa Ada tomaram conhecimento de uma fonte extremamente rica de dados pessoais de uma mulher, a quem chamaram de Marion Taylor. A essência desses dados foram os diários de quase uma vida, mas as informações pessoais sobre Marion Taylor também incluíam descrições dela feitas por sua mãe, sua irmã mais moça, seu professor favorito, dois de seus amigos e um vizinho, bem como anotações em um livro do bebê, registros escolares, escores em vários testes psicológicos, material autobiográfico e dois encontros pessoais com Ada Allport.

Nicole Barenbaum (1997) preparou um breve relato da vida de Marion Taylor. Taylor nasceu em 1902, em Illinois, mudou-se para a Califórnia com seus pais e sua irmã mais moça, em 1908, e começou a escrever seu diário em 1911. Logo após seu 13º aniversário, os registros em seu diário se tornaram mais pessoais, incluindo fantasias e sentimentos secretos. Ela, por fim, formou-se na faculdade, fez mestrado e se tornou professora de psicologia e biologia. Ela se casou aos 31 anos e não teve filhos.

Ainda que uma riqueza de documentos pessoais sobre Marion Taylor tenha sido disponibilizada para Ada e Gordon Allport, os Allport optaram por não publicar um relato da história dela. Barenbaum (1997) apresentou algumas razões possíveis para isso, mas, devido a importantes lacunas na correspondência entre Marion Taylor e Ada Allport, agora é impossível saber com certeza por que os Allport não publicaram a história desse caso. O trabalho deles com Marion provavelmente os ajudou a organizar e a publicar um segundo caso: a história de Jenny Gove Masterson, outro pseudônimo.

## As cartas de Jenny

A abordagem morfogênica de Allport do estudo das vidas é mais bem ilustrada em suas famosas *Cartas de Jenny*. Essas cartas revelam a história de uma mulher mais velha e seus intensos sentimentos de amor/ódio por seu filho, Ross. Entre março de 1926 (quando ela tinha 58 anos) e outubro de 1937 (quando ela morreu), Jenny escreveu uma série de 301 cartas ao ex-colega de quarto de Ross na faculdade, Glenn, e a sua esposa, Isabel, que quase certamente eram Gordon e Ada Allport (Winter, 1993). Allport, originalmente, publicou partes dessas cartas em anonimato

(Anônimo, 1946) e, então, mais tarde, publicou-as em mais detalhes com o próprio nome (Allport, 1965).

Nascida na Irlanda em 1868 e filha de pais protestantes, Jenny era a mais velha em uma família de sete filhos, que incluía cinco irmãs e um irmão. Quando tinha 5 anos, a família mudou-se para o Canadá; quando tinha 18 anos, seu pai morreu e ela foi forçada a abandonar a escola e ir trabalhar para ajudar no sustento da família. Depois de nove anos, seu irmão e suas irmãs já podiam se sustentar; e Jenny, que sempre tinha sido considerada rebelde, escandalizou a família ao se casar com um homem divorciado, uma decisão que a afastou ainda mais de sua família conservadoramente religiosa.

Depois de apenas dois anos de casamento, o marido de Jenny morreu. Pouco mais de um mês depois, nasceu seu filho Ross. Isso ocorreu em 1897, o mesmo ano em que nasceu Gordon Allport, o futuro colega de quarto de Ross. Os 17 anos seguintes foram de luta para Jenny. Seu mundo girava em torno do filho, e ela trabalhava arduamente para garantir que ele tivesse tudo o que queria. Ela disse a Ross que, à parte a arte, o mundo era um lugar miserável e que era seu dever se sacrificar pelo filho, porque ela era responsável pela existência dele.

Quando Ross saiu de casa para ir à faculdade, Jenny continuou a economizar para poder pagar todas as contas dele. Quando Ross começou a se interessar por mulheres, a relação idílica mãe-filho chegou ao fim. Os dois discutiam com frequência e com rispidez sobre as amigas dele. Jenny se referia a cada uma delas como prostituta, incluindo a mulher com quem Ross se casou. Com o casamento, Jenny e Ross ficaram temporariamente distanciados.

Mais ou menos na mesma época, Jenny começou uma correspondência de 11 anos e meio com Glenn e Isabel (Gordon e Ada), em que ela revelava muito sobre sua vida e sua personalidade. As primeiras cartas mostravam que ela estava profundamente preocupada com dinheiro, morte e Ross. Ela achava que o filho era ingrato e que a tinha abandonado por outra mulher, além de uma prostituta! Ela continuou com sua amargura em relação ao filho até que ele e sua esposa se divorciaram. Ela, então, mudou-se para o apartamento ao lado do de Ross e, por um curto período de tempo, ela foi feliz. Mas, em seguida, Ross estava saindo com outras mulheres, e Jenny, inevitavelmente, encontrava algo de errado em cada uma delas. Suas cartas estavam outra vez cheias de animosidade por Ross, uma atitude desconfiada e cética em relação aos outros e uma abordagem mórbida e dramática da vida.

Com três anos de correspondência, Ross morreu subitamente. Após sua morte, as cartas de Jenny expressavam uma atitude mais favorável em relação ao filho. Agora ela não tinha que dividi-lo com alguém. Agora ele estava seguro – não havia mais prostitutas.

Durante os oito anos seguintes, Jenny continuou escrevendo para Glenn e Isabel, e eles costumavam respon-

der. No entanto, eles serviam, principalmente, como ouvintes neutros e não como conselheiros ou confidentes. Jenny continuou a ser excessivamente preocupada com morte e dinheiro. Ela acusava cada vez mais os outros por sua infelicidade e intensificou suas suspeitas e hostilidade em relação a seus cuidadores. Depois que Jenny morreu, Isabel (Ana) comentou que, ao final de tudo, Jenny “continuava a mesma de sempre” (Allport, 1965, p. 156).

Essas cartas representam uma fonte incomumente rica de material morfogênico. Durante anos, elas foram objeto de análise e estudo detalhados da parte de Allport e seus alunos, que procuraram montar a estrutura de uma personalidade única, identificando disposições pessoais que eram centrais àquela pessoa. Allport e seus alunos usaram três técnicas para examinar a personalidade de Jenny. Primeiro, Alfred Baldwin (1942) desenvolveu uma técnica denominada *análise da estrutura pessoal* para examinar cerca de um terço das cartas. Para analisar a estrutura pessoal de Jenny, Baldwin usou dois procedimentos estritamente morfogênicos, frequência e contiguidade, para reunir evidências. O primeiro simplesmente envolve uma notação da frequência com que um item aparece no material do caso. Por exemplo, com que frequência Jenny menciona Ross, ou dinheiro, ou ela mesma? Contiguidade refere-se à proximidade de dois itens nas cartas. Com que frequência a categoria “Ross – desfavorável” ocorre em íntima correspondência com “ela mesma – autossacrifício”? Freud e outros psicanalistas usaram de forma intuitiva essa técnica da contiguidade para descobrir uma associação entre dois itens na mente inconsciente de um paciente. Baldwin, no entanto, refinou o método determinando, estatisticamente, essas correspondências que ocorrem com mais frequência do que poderia ser esperado apenas pelo acaso.

Usando a análise da estrutura pessoal, Baldwin identificou três grupos de categorias nas cartas de Jenny. O primeiro relacionava-se a Ross, mulheres, o passado e ela mesma – autossacrifício. O segundo tratava da busca de Jenny por um emprego, e o terceiro grupo girava em torno de sua atitude em relação a dinheiro e morte. Os três grupos são independentes uns dos outros, muito embora um único tema, como dinheiro, possa aparecer em todos os três.

Segundo, Jeffrey Paige (1966) usou uma análise fatorial para extrair disposições pessoais primárias reveladas pelas cartas de Jenny. Ao todo, Paige identificou oito fatores: agressividade, possessividade, afiliação, autonomia, aceitação familiar, sexualidade, consciência e martírio. O estudo de Paige é interessante porque identificou oito fatores, um número que corresponde muito bem à quantidade de disposições centrais – 5 a 10 – que, segundo a hipótese anterior de Allport, seriam encontradas na maioria das pessoas.

O terceiro método de estudo das cartas de Jenny foi uma técnica de senso comum usada por Allport (1965).

Seus resultados são muito semelhantes aos de Baldwin e Paige. Allport pediu a 36 juízes que listassem o que eles consideravam as características essenciais de Jenny. Eles registraram 198 adjetivos descriptivos, muitos dos quais eram sinônimos e se sobreponham. Allport, então, agrupou os termos em oito grupos: (1) belicoso-desconfiado, (2) autocentrado (possessivo), (3) independente-autônomo, (4) dramático-intenso, (5) estético-artístico, (6) agressivo, (7) cético-mórbido e (8) sentimental.

Comparando essa abordagem clínica de senso comum com o estudo fatorial de Paige, Allport (1966) traçou alguns paralelos interessantes (ver Tab. 12.1). Por meio das cartas de Jenny, então, constatamos que ela possuía cerca de oito traços centrais que caracterizavam os últimos 12 anos de sua vida – se não sua vida inteira. Ela era agressiva, desconfiada, possessiva, estética, sentimental, mórbida, dramática e autocentrada. Tais disposições centrais eram fortes o suficiente para que ela fosse descrita em termos similares por Isabel (Ada Allport), que a conhecia bem, e por pesquisadores independentes, que estudaram suas cartas (Allport, 1965).

A grande concordância entre a abordagem clínica de senso comum de Allport e o método analítico fatorial de Paige não comprova a validade de qualquer uma das duas. No entanto, indica a viabilidade dos estudos morfogênicos. Os psicólogos podem analisar uma pessoa e identificar disposições centrais com coerência mesmo quando usam procedimentos diferentes.

## PESQUISA RELACIONADA

Mais do que qualquer outro teórico da personalidade, Gordon Allport manteve um interesse ativo por toda a vida no estudo científico da religião e publicou seis conferências sobre o assunto, sob o título *O indivíduo e sua religião (The individual and his religion)* (Allport, 1950). Em nível pessoal, Allport era um devoto episcopal; e, por quase 30 anos, realizou meditações na Capela Appleton, na Universidade de Harvard (Allport, 1978).

## Orientação religiosa intrínseca versus extrínseca

Allport acreditava que um comprometimento religioso profundo era uma marca do indivíduo maduro, mas ele também achava que nem todos os frequentadores da igreja tinham uma orientação religiosa madura. Alguns, na verdade, eram altamente preconceituosos. Allport (1966) ofereceu uma explicação possível para essa observação relatada com frequência. Ele sugeriu que igreja e preconceito oferecem a mesma segurança e *status*, pelo menos para algumas pessoas, as quais podem se sentir confortáveis e autojustificadas com suas atitudes preconceituosas e sua participação na igreja.

Para compreender a relação entre frequentar a igreja e preconceito, Allport e J. Michael Ross (1967) desenvolveram a Escala de Orientação Religiosa (ROS, Religious Orientation Scale), a qual é aplicável somente aos que frequentam a igreja. A ROS consiste em 20 itens – 11 extrínsecos e 9 intrínsecos. Exemplos de itens extrínsecos são “O objetivo primário daquele que reza é obter alívio e proteção”; “O que a religião mais me oferece é conforto quando a tristeza e o infortúnio atacam”; e “Uma razão para que eu seja membro da igreja é que essa afiliação ajuda a firmar uma pessoa na comunidade”. Exemplos de itens intrínsecos incluem “Minhas crenças religiosas são o que realmente se encontra por trás de toda a minha abordagem de vida” e “Esforço-me muito para transferir a minha religião para todas as minhas outras relações na vida” (p. 436). Allport e Ross consideravam que as pessoas com uma orientação extrínseca têm uma visão utilitária da religião; ou seja, elas a veem como um meio para um fim. Sua religião é egoísta, uma religião de conforto e conveniência social. Suas crenças são frágeis e facilmente moldadas, quando conveniente. Em contraste, um segundo grupo de pessoas tem uma orientação intrínseca. Essas pessoas vivem sua religião e a consideram o motivo principal em sua fé religiosa. Em vez de usarem a religião para algum fim, elas colocam outras necessidades em harmonia com seus valores religiosos. Elas possuem uma crença internalizada e a seguem integralmente.

**TABELA 12.1** Disposições centrais de Jenny reveladas pelas técnicas analítica fatorial e clínica

Técnica clínica (Allport)	Técnica analítica fatorial (Paige)
Belicosa-desconfiada	
Agressiva	Agressividade
Autocentrada (possessiva)	Possessividade
Sentimental	Necessidade de afiliação
Independente-autônoma	Necessidade de aceitação familiar
Estética-artística	Necessidade de autonomia
Autocentrada (autopiedade) (Sem paralelo)	Consciente
Cética-mórbida	Martírio
Dramática-intensa	Sexualidade (Sem paralelo)
	(“Exagero”; i. e., a tendência a ser dramática e a exagerar suas preocupações)

Pesquisas anteriores constataram que, falando de modo geral, ser religioso é bom para a saúde. Frequentar a igreja regularmente tende a estar associado a sentir-se melhor e viver por mais tempo (Powell, Shahabi, & Thoresen, 2003). Porém, a explicação ainda não está inteiramente compreendida. As pessoas que frequentem a igreja podem apenas tender a cuidar melhor de si do que aquelas que não frequentam. Ou talvez exista algo peculiar à religião que encoraje uma saúde melhor. Um aspecto da religião que pode afetar a conexão entre religião e saúde é o conceito de Allport de orientação religiosa. Recentemente, pesquisadores começaram a investigar as implicações na saúde de ter uma orientação intrínseca *versus* extrínseca. Conforme discutimos no Capítulo 10, as atividades motivadas intrinsecamente são, em geral, melhores do que aquelas atividades que são motivadas extrinsecamente. Assim, os pesquisadores previram que aqueles que possuem seus valores religiosos internalizados (orientação intrínseca) estarão em melhor situação do que aqueles que usam a religião para alcançar algum fim (orientação extrínseca).

Kevin Masters e colaboradores (2005) conduziram um estudo examinando orientação religiosa e saúde cardiovascular. A pressão arterial aumenta e diminui dependendo de uma variedade de fatores, incluindo estressores no ambiente, mas, às vezes, as pessoas possuem pressão arterial cronicamente alta. Nesse caso, ela impõe um aumento de estresse ao coração e é uma preocupação de saúde importante para muitas pessoas, sobretudo em idosos, porque torna os indivíduos mais suscetíveis a uma variedade de condições cardíacas, incluindo ataques cardíacos. Para examinar a relação entre orientação religiosa e hipertensão arterial, Masters e colaboradores (2005) trouxeram para o laboratório 75 pessoas entre 60 e 80 anos e pediram que completassem a ROS e algumas tarefas enquanto os pesquisadores monitoravam com atenção sua pressão arterial. As tarefas foram concebidas para serem moderadamente estressantes e com probabilidade de elevar a pressão arterial em pessoas que são em particular propensas a tal condição. De forma mais específica, as tarefas envolviam resolver alguns problemas matemáticos e um encontro hipotético com uma companhia de seguros que está se recusando a cobrir um procedimento médico que potencialmente salvaria a vida delas. Os pesquisadores constataram que, conforme previsto, aqueles que possuíam uma orientação religiosa intrínseca não experimentaram o mesmo aumento na pressão arterial que aqueles que apresentavam uma orientação extrínseca. Essa pesquisa demonstrou que uma orientação religiosa intrínseca serve como um amortecedor contra estressores prováveis de serem experimentados na vida diária. Aqueles que possuem uma orientação religiosa intrínseca provavelmente encontram os mesmos estressores que qualquer pessoa, porém seus corpos reagem de forma diferente e de maneira saudável. Existe algo em ter uma fé religiosa intrínseca profunda que ajuda as

pessoas a lidarem com estressores do dia a dia de uma forma que não é prejudicial à saúde física.

A religião pode ser boa para a saúde, mas, para que recebam os benefícios da religião, é importante que as pessoas sejam religiosas pelas razões certas. Não é suficiente simplesmente ir à igreja, ao templo ou à sinagoga uma vez por semana. Uma pessoa deve estar frequentando esses serviços porque ela, de fato, acredita na mensagem de sua religião escolhida e a tem internalizada como uma forma de ter uma vida boa. Também é importante observar que, embora Allport considerasse o comprometimento religioso como uma marca da pessoa madura saudável, ele achava a religião útil porque ela oferece uma filosofia de vida unificadora. Se ter uma filosofia de vida unificadora que não está baseada em uma religião organizada é benéfico para a saúde da mesma forma que a orientação religiosa intrínseca ainda permanece uma área para pesquisa futura.

### Como reduzir o preconceito: contato ideal

Lembre-se de que Gordon Allport interessou-se inicialmente pela diferença entre orientação religiosa intrínseca e extrínseca porque observou que muitas pessoas que se identificavam como religiosas também eram bastante preconceituosas. Allport, no entanto, também ficou interessado no preconceito de uma forma mais geral, e desenvolver maneiras de reduzir o preconceito racial era de suma importância para ele. Allport (1954) propôs que um dos componentes fundamentais para a redução do preconceito era o contato: se os membros dos grupos majoritários e minoritários interagissem mais sob condições ideais, haveria menos preconceito. Esta ficou conhecida como a *hipótese do contato*, e as condições ideais eram relativamente simples: (1) status igual entre os dois grupos, (2) objetivos comuns, (3) cooperação entre os grupos e (4) apoio de uma figura de autoridade, leis ou costume. Por exemplo, se vizinhos afro-americanos e euro-americanos se unem para formar um grupo de vigilância no bairro com o objetivo comum de tornar a vizinhança mais segura e tal programa for endossado pelo prefeito ou pelo departamento de polícia da cidade, então tal interação e o esforço do grupo provavelmente levariam à redução no preconceito entre os residentes do bairro.

Ainda que o próprio Allport tenha realizado algumas pesquisas sobre o tema da redução do preconceito (Allport, 1954), um de seus alunos, Thomas Pettigrew, continuou o trabalho que ele começou (Pettigrew et al., 2011; Pettigrew & Tropp, 2006; Tropp & Pettigrew, 2005). Thomas Pettigrew e Linda Tropp desenvolveram um extenso programa de pesquisa direcionado para a investigação das condições sob as quais o contato entre os grupos pode reduzir o preconceito.

Em duas metanálises complexas de mais de 500 estudos e mais de 250 mil participantes, Pettigrew, Tropp e colaboradores (2006, 2011) examinaram a validade da hipó-

tese do contato de Allport. Eles constataram que, de fato, o contato entre os grupos reduz o preconceito e que as quatro condições de Allport para o contato ideal entre os grupos facilitam esse efeito. Além do mais, embora o conceito de contato ideal tenha sido, a princípio, conceitualizado como uma forma de reduzir o preconceito racial (Allport, 1954), as pesquisas demonstraram que ele também funciona para minimizar atitudes preconceituosas em relação a outros grupos estigmatizados, como idosos, deficientes, mentalmente doentes e homossexuais (Pettigrew et al., 2011). Os estudos, em geral, mostram efeitos maiores para medidas em testes de relacionamento do que para indicadores como estereotipia, significando que o contato ideal nos ajuda a gostar mais do "outgroup", muito embora os estereótipos sobre eles possam persistir (Tropp & Pettigrew, 2005).

Uma descoberta fascinante de todos esses anos de pesquisa sobre o contato ideal é a importância especial da amizade entre grupos na redução do preconceito. Conforme assinalam Pettigrew e colaboradores (2011), amizade envolve um contato ampliado em uma variedade de contextos, e isso facilita atitudes fortes e positivas em relação ao "outgroup" que são resistentes à mudança. Um estudo particularmente comovente realizado no norte da Irlanda ilustra essa força da amizade. Nele, a amizade entre católicos e protestantes gerou confiança e perdão do outro grupo religioso, e tal efeito foi mais forte entre aqueles que tinham sofrido diretamente violência religiosa na área (Hewstone, Cairns, Voci, Hamberger, & Niens, 2006).

Alguns dos estudos incluídos nas revisões de Thomas Pettigrew e Linda Tropp (2006, 2011) envolviam métodos relativamente simples de apenas perguntar às pessoas quantos amigos elas tinham que eram de um grupo minoritário (uma medida de contato) e, então, fazê-las completar várias medidas de autorrelato concebidas para captar até que ponto os participantes endossam visões estereotipadas dos grupos minoritários. Entretanto, outros estudos incluídos na revisão abordavam uma metodologia mais complexa, em que os participantes eram designados aleatoriamente para grupos que envolviam contato ideal com membros de um grupo minoritário ou para grupos que não envolviam o contato ideal prescrito por Allport. Ainda que os dois tipos de estudos tenham constatado que o contato ideal reduz o preconceito, os experimentos em que as pessoas foram designadas aleatoriamente para se envolverem em contato ideal ou não apresentam a redução mais considerável no preconceito (Pettigrew & Tropp, 2006). Obviamente, não há razão para que esse contato ideal ocorra em um laboratório, e os achados de Pettigrew e Tropp (2006) demonstram o grande potencial para programas comunitários a serem desenvolvidos com base na prescrição de Allport para a redução do preconceito. Se tais programas fossem implementados, as pesquisas mostram que as relações entre grupos majoritários e minoritários provavelmente melhorariam muito.

De modo geral, Gordon Allport foi um psicólogo da personalidade bastante perspicaz, cujas ideias continuam a inspirar os psicólogos hoje. Apesar de suas ideias, sem dúvida, continuarem a abrilhantar a pesquisa em psicologia da personalidade, seus métodos para redução do preconceito enriqueceram de modo silencioso a vida de pessoas que, talvez sem saber, beneficiaram-se com o profundo comprometimento de Allport em reduzir o preconceito em nossa sociedade.

Como assinalam Pettigrew e colaboradores (2011), as opiniões sobre o contato entre grupos estão muito divididas. Alguns acreditam que "boas cercas fazem bons vizinhos". Ou seja, o contato entre grupos só causa conflito; portanto, é melhor que cuidemos de nossa vida. Outros, como Allport, acreditam que a interação é essencial para reduzir o preconceito e o conflito entre os grupos. Décadas de pesquisas feitas por seus alunos resolveram tal discordância e mostraram que Allport estava certo: a única maneira de reduzir o conflito e o preconceito é interagir com aqueles que consideramos "diferentes".

## CRÍTICAS A ALLPORT

Allport baseou sua teoria da personalidade mais na especulação filosófica e no bom senso do que em investigações científicas. Ele nunca teve a pretensão de que sua teoria fosse completamente nova ou abrangente; ao contrário, ele era eclético, utilizando de modo cuidadoso conceitos de outras teorias e reconhecendo que seus detratores poderiam ter coisas importantes a dizer. Coerente com essa atitude tolerante, Allport (1968) reconheceu que seus adversários poderiam estar certos, pelo menos em parte.

Para Allport, entende-se que a maioria da população é constituída de indivíduos conscientes, que olham para a frente e buscam a tensão. Para aqueles que acham que as teorias deterministas perderam de vista a pessoa proativa, a visão de Allport de humanidade é filosoficamente inovadora. No entanto, como com qualquer outra teoria, ela precisa ser avaliada a partir de uma base científica.

É provável que Allport tenha feito mais do que qualquer outro psicólogo para definir a personalidade e classificar outras acepções do termo. Porém, seus escritos constituem uma *teoria* no sentido de estabelecer um conjunto de pressupostos relacionados que geram hipóteses verificáveis? Segundo esse critério, as propostas de Allport se classificam com um "sim" qualificado. Trata-se de uma teoria limitada, que oferece explicações para um âmbito restrito da personalidade, a saber, certos tipos de motivação. Os motivos funcionalmente autônomos dos adultos sadios no âmbito psicológico são abordados de modo adequado pela teoria de Allport. Mas e quanto aos motivos das crianças e dos adultos mentalmente perturbados? O que os move e por quê? E quanto aos adultos sadios que

se comportam de maneira estranha? O que explica essas incoerências? Que explicação Allport apresentou para sonhos bizarros, fantasias e alucinações de indivíduos maduros? Infelizmente, essa explicação da personalidade não é ampla o suficiente para responder de modo adequado a tais perguntas.

Apesar de suas limitações como uma teoria útil, a abordagem da personalidade de Allport é estimulante e esclarecedora. Qualquer pessoa interessada na construção de uma teoria da personalidade deve, primeiro, familiarizar-se com os escritos de Allport. Poucos psicólogos fizeram tanto esforço para colocar a teoria da personalidade em perspectiva; poucos foram tão cuidadosos na definição de termos, na categorização de definições prévias ou no questionamento de quais unidades devem ser empregadas na teoria da personalidade. O trabalho de Allport estabeleceu um padrão para o pensamento claro e a precisão que futuros teóricos deveriam imitar.

A teoria gerou pesquisa? Segundo esse critério, a teoria de Allport recebe uma classificação moderada. A sua ROS, o *Estudo dos valores* e seu interesse pelo preconceito o conduziram a múltiplos estudos científicos da religião, dos valores e do preconceito.

Segundo o critério de *refutabilidade*, a teoria de Allport deve receber uma classificação baixa. O conceito de quatro orientações religiosas um tanto independentes pode ser verificado ou refutado, porém a maioria dos outros insights de Allport está além da capacidade da ciência de determi-

nar se alguma outra explicação poderia ser igualmente apropriada.

Uma teoria útil proporciona uma *organização para as observações*. A teoria de Allport satisfaz esse critério? Mais uma vez, apenas para um âmbito restrito dos motivos adultos a teoria oferece uma organização significativa para as observações. Muito do que é conhecido acerca da personalidade humana não pode ser facilmente integrado à teoria de Allport. De forma mais específica, os comportamentos motivados por forças inconscientes, assim como aqueles estimulados por impulsos primários, não foram explicados de modo adequado por Allport. Ele reconheceu a existência desses tipos de motivações, mas pareceu se contentar em permitir que as explicações psicanalíticas e comportamentais permanecessem sem maior elaboração. Tal limitação, no entanto, não invalida a teoria de Allport. Aceitar a validade de outros conceitos teóricos é uma abordagem legítima da construção da teoria.

Como um *guiia para os profissionais*, a teoria de Allport tem utilidade moderada. Ela certamente serve como uma baliza para o professor e o terapeuta, iluminando a visão da personalidade que sugere que as pessoas devem ser tratadas como indivíduos. Os detalhes, no entanto, são deixados sem especificação.

Nos dois critérios finais de uma teoria útil, a psicologia do indivíduo de Allport é classificada como alta. Sua linguagem precisa torna a teoria *coerente internamente e parcimoniosa*.



## CONCEITO DE HUMANIDADE

Allport possuía uma visão, basicamente, *otimista* e esperançosa da natureza humana. Ele rejeitava as visões psicanalítica e comportamental de humanidade como excessivamente deterministas e mecanicistas. Ele acreditava que nosso destino e nossos traços não são determinados por motivos inconscientes que se originam na infância, mas por escolhas conscientes que fazemos no presente. Não somos simplesmente autômatos que reagem de modo cego às forças de recompensa e punição. Ao contrário, somos capazes de interagir com o ambiente e torná-lo reativo a nós. Não só procuramos reduzir as tensões como também estabelecer novas. Desejamos a mudança e o desafio; e somos reativos, intencionais e flexíveis.

Como as pessoas possuem o potencial de aprender uma variedade de respostas em muitas situações, o crescimento psicológico pode acontecer em qualquer idade. A personalidade não é estabelecida no início da infância, muito embora, para algumas pessoas, as influências infantis permaneçam fortes. As experiências do início da infância são importan-

tes somente se continuam existindo no presente. Ainda que a segurança e o amor precoces deixem marcas duradouras, as crianças precisam de mais do que amor: Elas necessitam de uma oportunidade para moldarem sua própria existência com criatividade, para resistirem à conformidade e para serem indivíduos livres e autodirecionados.

Mesmo que a sociedade tenha algum poder de moldar a personalidade, Allport acreditava que ela possui a responsabilidade para a natureza da humanidade. Os fatores que moldam a personalidade, defendia Allport, não são tão importantes quanto a própria personalidade. A hereditariedade, o ambiente e a natureza do organismo são importantes; porém, as pessoas são essencialmente proativas e livres para seguir os ditames predominantes da sociedade ou para traçar o curso da própria vida.

As pessoas, no entanto, não são completamente livres. Allport (1961) adotou uma abordagem da *liberdade limitada*. Ele, com frequência, era crítico daquelas visões que permitem a liberdade absoluta, mas também se opunha às visões

psicanalítica e comportamental, as quais ele considerava que negavam o livre-arbítrio. A posição de Allport era intermediária. Ainda que exista o livre-arbítrio, algumas pessoas são mais capazes de fazer escolhas do que outras. Uma pessoa sábia tem mais liberdade do que uma criança ou um adulto gravemente perturbado. A pessoa reflexiva e muito inteligente tem mais capacidade para a livre escolha do que a não reflexiva e com pouca inteligência.

Mesmo que a liberdade seja limitada, Allport defendia que ela pode ser expandida. Quanto mais *insight* pessoal um indivíduo desenvolve, maior é a liberdade de escolha dessa pessoa. Quanto mais objetiva uma pessoa se torna – isto é, quanto menores as preocupações consigo e o egoísmo – maior o grau de liberdade dessa pessoa.

Educação e conhecimento também expandem a quantidade de liberdade que temos. Quanto maior nosso conhecimento de uma área particular, mais ampla é nossa liberdade nessa área. Ter uma educação geral extensa significa que, até certo ponto, a pessoa tem uma escolha mais ampla de empregos, atividades recreativas, materiais de leitura e amigos.

Por fim, nossa liberdade pode ser expandida por nosso modo de escolha. Se aderimos teimosamente a um curso de ação familiar apenas porque ele é mais confortável, nossa liberdade permanece, em grande parte, restrita. Todavia, se adotamos um modo de mente aberta para a solução de problemas, então ampliamos nossa perspectiva e aumentamos nossas alternativas; ou seja, expandimos nossa liberdade para escolher (Allport, 1955).

A visão de Allport de humanidade é mais *teleológica* do que causal. A personalidade, até certo ponto, é influenciada pelas experiências passadas, mas os comportamentos que nos tornam humanos são motivados por nossas expectativas do futuro. Em outras palavras, somos indivíduos sadios uma vez que estabelecemos e buscamos propósitos e aspirações futuras. Cada um de nós é diferente dos outros, não tanto porque temos impulsos básicos distintos, mas porque temos objetivos e intenções autoconstruídas diferentes.

O crescimento da personalidade sempre ocorre dentro de um contexto social, porém Allport colocou ênfase apenas moderada nos *fatores sociais*. Ele reconheceu a importância das influências ambientais para ajudar a moldar a personalidade, mas insistia em que a personalidade tem alguma vida própria. A cultura pode influenciar nossa linguagem, nossa moral, nossos valores, nossa moda, porém a forma como cada um de nós reage às forças culturais depende de nossa personalidade única e de nossa motivação básica.

Em suma, Allport tinha uma visão otimista da humanidade, afirmando que as pessoas têm, pelo menos, liberdade limitada. Os seres humanos são orientados para o objetivo, proativos e motivados por uma variedade de forças, a maioria das quais está dentro do terreno da *consciência*. As experiências infantis iniciais são de importância relativamente menor e são significativas apenas quando existem no presente. Tanto as diferenças quanto as semelhanças entre as pessoas são importantes, mas as *diferenças individuais* e a *singularidade* recebem muito maior ênfase na psicologia de Allport.

## Termos-chave e conceitos

- Allport era *eclético* na aceitação de ideias de uma variedade de fontes.
- Ele definiu *personalidade* como a organização dinâmica no interior do indivíduo daqueles sistemas psicofísicos que determinam o comportamento e o pensamento de uma pessoa.
- As pessoas psicologicamente sadias são motivadas, em grande parte, pelos processos conscientes; possuem um senso de *self* ampliado; relacionam-se afetuosamente com os outros; aceitam-se pelo que são; possuem uma percepção realista do mundo; e apresentam *insight*, humor e uma filosofia de vida unificadora.
- Allport defendia uma posição *proativa*, que enfatizasse a noção de que as pessoas têm bastante *controle consciente* sobre suas vidas.
- *Traços comuns* são as características gerais apresentadas em comum por muitas pessoas. Elas podem

ser úteis para comparar um grupo de pessoas com outro.

- Os *traços individuais* (disposições pessoais) são peculiares ao indivíduo e têm a capacidade de tornar diferentes estímulos funcionalmente equivalentes e iniciar e guiar o comportamento.
- Os três níveis de disposições pessoais são: (1) *disposições cardinais*, as quais apenas algumas pessoas possuem e que são tão visíveis que não podem ser ocultas; (2) *disposições centrais*, os 5 a 10 traços que tornam uma pessoa única; e (3) *disposições secundárias*, que são menos distinguíveis, porém muito mais numerosas do que as disposições centrais.
- As disposições pessoais que iniciam ações são denominadas *traços motivacionais*.
- As disposições pessoais que guiam as ações são denominadas *traços estilísticos*.
- O *proprium* refere-se a comportamentos e disposições pessoais que são calorosos e centrais para nossas vidas e que consideramos como exclusivamente nossos.

- *Autonomia funcional* refere-se aos motivos que são autônomos e independentes dos motivos que foram originalmente responsáveis por um comportamento.
- *Autonomia funcional perseverativa* refere-se a hábitos e comportamentos que não fazem parte do *proprium* da pessoa.
- A *autonomia funcional do proprium* inclui todas aquelas motivações autônomas que estão relacionadas ao *proprium*.
- Allport usou *procedimentos morfogenéticos*, como diários e cartas, que destacam os padrões de comportamento dentro de um único indivíduo.

# CAPÍTULO 13

---

## Teoria dos Cinco Traços e Fatores de McCrae e Costa

- ◆ *Panorama das teorias dos traços e fatores*
- ◆ *O trabalho pioneiro de Raymond B. Cattell*
- ◆ *Princípios básicos da análise fatorial*
- ◆ *Os cinco grandes fatores: taxonomia ou teoria?*
- ◆ *Biografias de Robert R. McCrae e Paul T. Costa Jr.*
- ◆ *À procura dos cinco grandes fatores*
  - Cinco fatores encontrados
  - Descrição dos cinco fatores
- ◆ *Evolução da teoria dos cinco fatores*
  - Unidades da teoria dos cinco fatores
  - Postulados básicos
- ◆ *Pesquisa relacionada*
  - Traços e desempenho acadêmico
  - Traços, uso da Internet e bem-estar
  - Traços e emoção
- ◆ *Críticas às teorias dos traços e fatores*
- ◆ *Conceito de humanidade*
- ◆ *Termos-chave e conceitos*



McCrae



Costa

Thomas estava em um bar local com alguns amigos de longa data, mas um deles – Samuel – disse algo que realmente perturbou Thomas, que já tinha bebido muito. Thomas se levantou, empurrou Samuel e começou uma briga. Clarisse, uma amiga de Samuel, puxou Thomas antes que alguém ficasse ferido. Clarisse não conhecia Thomas muito bem, mas estava convencida de que ele era um idiota agressivo e impulsivo e disse isso a ele quando os três saíram às pressas do bar. Samuel, surpreendentemente, veio em defesa de Thomas e disse: "Sabe, Thomas é realmente um cara legal. Ele não é assim – ele deve estar em um dia difícil. Dê uma chance a ele".

Thomas é um idiota agressivo ou está apenas tendo um dia difícil? Podemos dizer que Thomas é agressivo e impulsivo sem saber mais nada sobre sua personalidade? É assim que ele é normalmente? E quando ele não está bêbado? Ele age de forma agressiva e impulsiva em outras situações? A situação (dia difícil) explica melhor como Thomas agiu ou é mais adequado explicar suas ações por sua personalidade (idiota agressivo)?

Esses são os tipos de perguntas que os psicólogos fazem. Os psicólogos sociais provavelmente irão explicar o comportamento de Thomas por meio da situação (dia difícil). É possível que os psicólogos da personalidade atribuam o comportamento de Thomas a traços duradouros. Um traço torna as pessoas únicas e contribui para a coerência de como elas se comportam em diferentes situações e ao longo do tempo. Os traços são o foco de estudo de muitos psicólogos da personalidade, mas, historicamente, psicólogos diferentes tiveram a própria lista particular de traços de personalidade em que se focaram e houve pouco consenso acerca de quais eram as principais dimensões da personalidade. Esse foi, pelo menos, o caso até a década de 1980, quando o campo convergiu para uma resposta: existem cinco dimensões principais da personalidade, são elas: extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência. Esses são os assim chamados "cinco grandes" traços da personalidade (*Big Five*) e sua ampla adoção e aceitação deve muito às pesquisas e à teoria de Robert McCrae e Paul Costa.

## PANORAMA DAS TEORIAS DOS TRAÇOS E FATORES

Como a personalidade pode ser medida? Por testes padronizados? Observação clínica? Julgamentos de amigos e conhecidos? Os teóricos dos fatores usaram todos esses e outros métodos. Uma segunda questão é: quantos traços ou disposições pessoais o indivíduo possui? Dois ou três? Meia dúzia? Algumas centenas? Mais de mil? Durante os últimos 25 a 45 anos, inúmeros estudiosos (Cattell, 1973,

1983; Eysenck, 1981, 1997a) e várias equipes de pesquisadores (Costa & McCrae, 1992; McCrae & Costa, 2003; Tupes & Christal, 1961) adotaram uma abordagem analítica fatorial para responder a tais questões. Nos dias atuais, a maioria dos pesquisadores que estudam os traços de personalidade concorda que cinco, apenas cinco e não menos do que cinco traços dominantes continuam a emergir das técnicas de análise fatorial – procedimentos matemáticos capazes de selecionar os traços de personalidade em meio a inúmeros dados de testes.

Ainda que muitos teóricos contemporâneos acreditem que cinco é o número mágico, teóricos anteriores, como Raymond B. Cattell, encontraram muito mais traços da personalidade, e Hans J. Eysenck insistia em que somente três fatores principais podem ser discernidos por meio da análise fatorial. Além disso, já vimos que a abordagem do senso comum de Gordon Allport (ver Cap. 12) resultou em 5 a 10 traços que são centrais para a vida de cada pessoa. Entretanto, a contribuição principal de Allport para a teoria dos traços pode ter sido a identificação de quase 18 mil denominações de traços em um dicionário completo da língua inglesa. Essas denominações de traços foram a base para o trabalho original de Cattell, e elas continuam a fornecer os fundamentos para estudos de análise fatorial recentes.

A Teoria dos Cinco Fatores (frequentemente denominada *Big Five*) inclui neuroticismo e extroversão; mas acrescenta a abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade. Esses termos diferem um pouco entre as equipes de pesquisa, mas os traços subjacentes são muito semelhantes.

## O TRABALHO PIONEIRO DE RAYMOND B. CATTELL

Uma figura importante nos primeiros anos da psicometria foi Raymond B. Cattell (1905-1998), que nasceu na Inglaterra, mas passou a maior parte de sua carreira nos Estados Unidos. Cattell teve apenas uma influência indireta sobre McCrae e Costa. Estes, no entanto, compartilharam técnicas e ideias, mesmo que suas abordagens também tivessem algumas diferenças reais. Como a familiaridade com a teoria dos traços de Cattell ajuda a compreender a teoria dos cinco fatores de McCrae e Costa, discutimos brevemente o trabalho de Cattell e o comparamos com o de McCrae e Costa.

Em primeiro lugar, tanto Cattell quanto McCrae e Costa usaram um **método indutivo** de coleta de dados, ou seja, eles começaram sem ideias preconcebidas referentes ao número, ao nome dos traços ou aos tipos. Outros teóricos fatoriais, no entanto, usaram o **método dedutivo**, ou seja, eles tinham hipóteses preconcebidas antes de começarem a coleta dos dados.

Em segundo, Cattell usou três diferentes meios de observação para examinar as pessoas a partir do maior número de ângulos possível. As três fontes de dados incluíam um registro da vida da pessoa (dados L; do inglês *life*), derivado de observações feitas por outras pessoas; autorrelatos (dados Q; do inglês *questionnaires*) obtidos de questionários e outras técnicas concebidas para possibilitar que as pessoas façam descrições subjetivas de si mesmas; e testes objetivos (dados T), que medem aspectos como inteligência, rapidez de resposta e outras atividades concebidas para instigar o desempenho máximo da pessoa. Em contraste, cada um dos cinco fatores bipolares de McCrae e Costa está limitado a respostas a questionários. Esses autorrelatos restringem os procedimentos de McCrae e Costa aos fatores de personalidade.

Em terceiro, Cattell dividiu os traços em *traços comuns* (compartilhados por muitos) e *traços singulares* (peculiares a um indivíduo). Ele também distinguiu os *traços de fundo* dos indicadores de traços, ou *traços superficiais*. Cattell ainda classificou os traços em *temperamento*, *motivação* e *habilidade*. Os traços de temperamento se referem a *como* uma pessoa se comporta; os de motivação tratam de *por que* ela se comporta; e os traços de habilidade abordam *até onde ou a que velocidade* ela pode realizar.

Em quarto, a abordagem multifacetada de Cattell resultou em 35 traços primários, ou de primeira ordem, os quais medem, principalmente, a dimensão do temperamento na personalidade. Desses fatores, 23 caracterizam a população normal e 12 medem a dimensão patológica. Os traços normais maiores e estudados com mais frequência são os 16 fatores da personalidade encontrados no Questionário de 16 Fatores da Personalidade (16-PF Scale) de Cattell (1949). Em comparação, o Inventário de Personalidade-NEO (NEO-PI) de Costa e McCrae produz escores em apenas cinco fatores da personalidade.

## PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ANÁLISE FATORIAL

Um conhecimento abrangente das operações matemáticas envolvidas na **análise fatorial** não é essencial para a compreensão das teorias dos traços e fatores da personalidade, mas uma descrição geral dessa técnica mostra-se útil.

Para usar a análise fatorial, iniciam-se observações específicas de muitos indivíduos. Tais observações são, então, quantificadas de alguma maneira; por exemplo, a altura é medida em centímetros; o peso, em quilos; a aptidão, em escores de testes; o desempenho no trabalho, por meio de escalas de classificação; e assim por diante. Suponhamos que temos mil dessas medidas em 5 mil pessoas. O próximo passo é determinar quais dessas variáveis (escores) estão relacionadas a quais outras variáveis e em que medida. Para tanto, calculamos o **coeficiente de correlação** entre cada variável

e cada um dos outros 999 escores. (Um coeficiente de correlação é um procedimento matemático que expressa o grau de correspondência entre dois conjuntos de escores). Correlacionar as mil variáveis com os outros 999 escores envolveria 499.500 correlações individuais (1.000 multiplicado por 999, dividido por 2). Os resultados desses cálculos demandariam uma tabela de intercorrelações, ou uma *matriz*, com mil linhas e mil colunas. Algumas dessas correlações seriam altas e positivas, umas perto de zero, e outras seriam negativas. Por exemplo, poderíamos observar uma correlação positiva alta entre o comprimento da perna e a altura, porque uma é parcialmente uma medida da outra. Também poderíamos encontrar uma correlação positiva entre uma medida de habilidade de liderança e os índices em equilíbrio social. Essa relação poderia existir porque cada uma faz parte de um traço subjacente mais básico: autoconfiança.

Com mil variáveis separadas, nossa tabela de intercorrelações seria muito complicada. Nesse ponto, vamos nos voltar para a *análise fatorial*, que pode explicar um grande número de variáveis com um número menor de dimensões mais básicas. Essas dimensões mais básicas podem ser chamadas de *traços*, isto é, fatores que representam um grupo de variáveis intimamente relacionadas. Por exemplo, podemos encontrar intercorrelações positivas entre escores de testes em álgebra, geometria, trigonometria e cálculo. Agora, identificamos um grupo de escores que podemos chamar de fator M, que representa a habilidade matemática. De forma similar, podemos identificar inúmeros outros **fatores**, ou unidades da personalidade derivadas por meio da análise fatorial. O número de fatores, é claro, será menor do que o número original de observações.

Nosso passo seguinte é determinar até que ponto cada escore individual contribui para os vários fatores. As correlações dos escores com os fatores são denominadas **cargas fatoriais**. Por exemplo, se os escores em álgebra, geometria, trigonometria e cálculo contribuem de forma significativa para o fator M, mas não para outros fatores; eles têm cargas fatoriais altas em matemática. As cargas fatoriais apontam uma pureza dos vários fatores e possibilitam a interpretação de seus significados.

Os traços gerados por meio da análise fatorial podem ser unidirecionais ou bidirecionais. Os **traços unidireccionais** encontram-se em uma escala de zero até alguma grande quantidade. Altura, peso e capacidade intelectual são exemplos de traços unidirectionais. Em contraste, os **traços bidirecionais** se estendem de um polo até o polo oposto, com zero representando um ponto intermediário. Introversão versus extroversão, liberalismo versus conservadorismo e domínio social versus timidez são exemplos de traços bidirecionais.

Para que os fatores derivados matematicamente tenham significado psicológico, os eixos em que os escores são marcados costumam ser virados ou *rotados* em uma

relação matemática específica entre eles. Essa rotação pode ser ortogonal ou oblíqua, mas os defensores da teoria dos cinco fatores favorecem a **rotação ortogonal**. A Figura 13.1 mostra que os eixos rotados ortogonalmente estão em ângulos retos entre si. Quando os escores na variável *x* aumentam, os escores no eixo *y* podem ter qualquer valor; ou seja, eles não têm relação com os escores no eixo *x*.

O **método oblíquo**, que foi defendido por Cattell, presume alguma correlação positiva ou negativa e se refere a um ângulo inferior ou superior a 90°. A Figura 13.2 descreve um diagrama de escores em que *x* e *y* estão positivamente correlacionados entre si; ou seja, quando os escores na variável *x* aumentam, os escores no eixo *y* também têm tendência a aumentar. Observe que a correlação não é perfeita; algumas pessoas podem ter escore alto na variável *x*, mas relativamente baixo na *y*, e vice-versa. Uma correlação perfeita ( $r = 1,00$ ) resultaria em *x* e *y* ocupando a mesma linha. Psicologicamente, a rotação ortogonal, em geral, resulta em apenas alguns traços significativos, enquanto os métodos oblíquos costumam produzir um número maior.

## OS CINCO GRANDES FATORES: TAXONOMIA OU TEORIA?

No Capítulo 1, definimos uma taxonomia como uma classificação das coisas de acordo com suas relações naturais. Também sugerimos que as taxonomias são um ponto de partida essencial para o avanço da ciência, mas que elas não são teorias. Enquanto as teorias geram pesquisa, as taxonomias meramente suprem um sistema de classificação.

Na discussão seguinte do modelo dos cinco fatores (FFM, do inglês, Five Factor Model), de McCrae e Costa, veremos que o trabalho deles começou como uma tentativa de identificar traços básicos da personalidade, conforme revelados pela análise factorial. Esse trabalho logo evoluiu para uma taxonomia e para o FFM. Depois de muito trabalho adicional, o FFM se tornou uma teoria, a qual pode tanto *predizer* quanto *explicar* o comportamento.

## BIOGRAFIAS DE ROBERT R. McCRAE E PAUL T. COSTA JR.

Robert Roger McCrae nasceu em 28 de abril de 1949, em Maryville, Missouri, uma cidade de 13 mil habitantes localizada a cerca de 160 km ao norte de Kansas City. Maryville é a terra do Northwest Missouri State, o maior empregador da cidade. McCrae, o mais moço de três filhos nascidos de Andrew McCrae e Eloise Elaine McCrae, cresceu com um ávido interesse em ciência e matemática. Na época em que ingressou na Universidade Estadual de Michigan, ele tinha decidido estudar filosofia. Tendo recebido o Mérito Acadêmico Nacional, ele, no entanto, não estava completamente feliz com a natureza de final aberto e não empírica da filosofia. Após concluir a faculdade, ingressou no programa de pós-graduação da Universidade de Boston, com especialização em psicologia. Devido a sua inclinação e talento para matemática e ciências, McCrae se mostrou intrigado com o trabalho psicométrico de Raymond Cattell. Em particular, ficou curioso quanto ao uso da análise factorial para procurar um método simples de identificação dos traços estruturais encontrados no dicionário. Na Universidade de

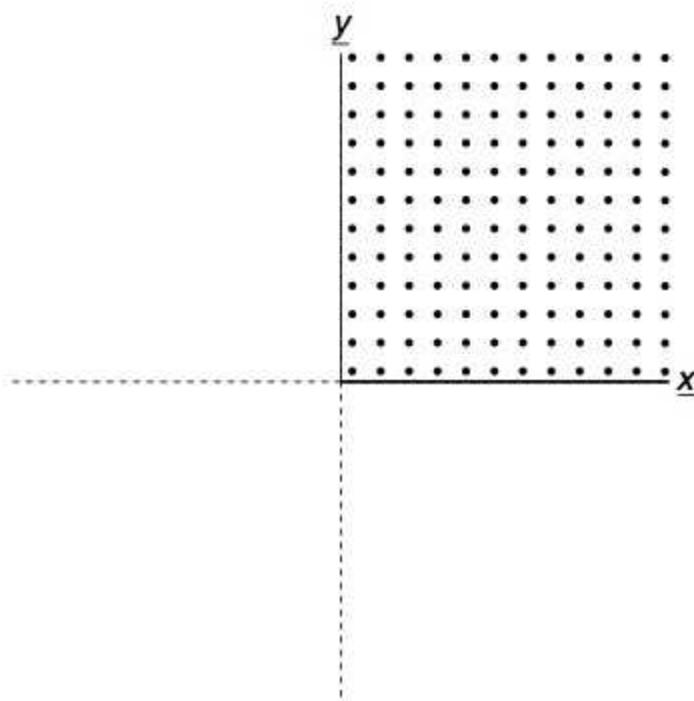


FIGURA 13.1 Eixos ortogonais.

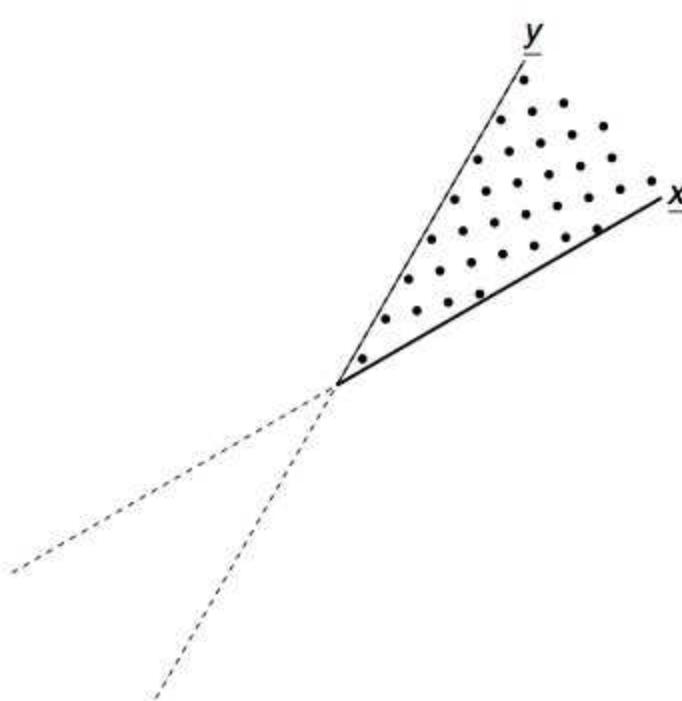


FIGURA 13.2 Eixos oblíquos.

Boston, o professor orientador de McCrae era Henry Weinberg, um psicólogo clínico com apenas um interesse superficial pelos traços de personalidade. Assim, o interesse de McCrae nos traços teve que ser nutrido de forma mais interna do que externa.

Durante as décadas de 1960 e 1970, Walter Mischel (ver Cap. 18) estava questionando a noção de que os traços de personalidade são coerentes, alegando que a situação é mais importante do que qualquer traço de personalidade. Ainda que Mischel há pouco tivesse revisado sua posição sobre a coerência da personalidade, sua visão era aceita por muitos psicólogos naquela época. Em uma comunicação pessoal datada de 4 de maio de 1999, McCrae escreveu: "Frequentei o programa de pós-graduação nos anos seguintes à crítica de Mischel (1968) à psicologia dos traços. Muitos psicólogos, na época, estavam preparados para acreditar que os traços não passavam de conjuntos de respostas, estereótipos ou ficções cognitivas. Aquilo nunca fez sentido para mim, e minha experiência inicial com pesquisa mostrando notável estabilidade nos estudos longitudinais encorajou a crença de que os traços eram reais e duradouros". Entretanto, o trabalho de McCrae sobre os traços enquanto estava na pós-graduação foi uma empreitada relativamente solitária, sendo conduzida de modo silencioso sem muito alarde. De fato, essa abordagem silenciosa era compatível com sua própria personalidade relativamente quieta e introvertida.

Em 1975, há quatro anos em seu programa de doutorado, o destino de McCrae estava para mudar. Ele foi enviado por seu orientador para trabalhar como assistente de pesquisa com James Fozard, um psicólogo do desenvolvimento adulto no Normative Aging Study, na Veterans Administration Outpatient Clinic, em Boston. Foi Fozard quem encaminhou McCrae para outro psicólogo da personalidade residente em Boston, Paul T. Costa Jr., que fazia parte do corpo docente da Universidade de Massachusetts.

Depois que McCrae concluiu seu doutorado, em 1976, Costa o contratou como diretor de projetos e pesquisador coprincipal em sua pesquisa sobre tabagismo e personalidade. McCrae e Costa trabalharam juntos nesse projeto por dois anos, até que ambos foram contratados pelo Centro de Pesquisa em Gerontologia do National Institute on Aging's Gerontology Research Center, uma divisão dos National Institutes of Health (NIH), com sede em Baltimore. Costa foi contratado como chefe da seção sobre estresse e enfrentamento, enquanto McCrae assumiu o cargo de membro sênior da equipe. Como o Gerontology Research Center já possuía um grande e bem-estabelecido conjunto de dados de adultos, aquele era o lugar ideal para Costa e McCrae investigarem a questão de como a personalidade é estruturada. Durante a década de 1970, com a sombra da influência de Mischel ainda pairando fortemente sobre o estudo da personalidade e com o conceito de traços sendo quase um tema tabu, Costa e McCrae realizaram um tra-

balho sobre traços que assegurou a ambos um papel proeminente nos 40 anos de história da análise da estrutura da personalidade.

Paul T. Costa Jr. nasceu em 16 de setembro de 1942, em Franklin, New Hampshire, filho de Paul T. Costa e Esther Vasil Costa. Ele se graduou em psicologia na Universidade Clark em 1964, e seu mestrado (1968) e doutorado (1970) em desenvolvimento humano foram pela Universidade de Chicago. Seu interesse de longa data nas diferenças individuais e na natureza da personalidade aumentou muito no estimulante ambiente intelectual da Universidade de Chicago. Enquanto estava nessa instituição, trabalhou com Salvatore R. Maddi, com quem publicou um livro sobre a teoria humanista da personalidade (Maddi & Costa, 1972). Após receber seu título de doutor, ensinou por dois anos em Harvard e, depois, de 1973 até 1978, na Universidade de Massachusetts, Boston. Em 1978, começou a trabalhar no National Institute of Aging's Gerontology Research Center, tornando-se chefe da Seção Estresse e Enfrentamento, e depois, em 1985, foi chefe do Laboratório da Personalidade e Cognição. Nesse mesmo ano, 1985, ele se tornou presidente da Divisão 20 (Desenvolvimento Adulto e Envelhecimento) da American Psychological Association (APA). Em sua lista de realizações, também se tornou membro da APA, em 1977, e presidente da International Society for the Study of Individual Differences, em 1995. Costa e sua esposa, Karol Sandra Costa, têm três filhos, Nina, Lora e Nicholas.

A colaboração entre Costa e McCrae tem sido incommumente profícua, com mais de 200 artigos de pesquisa e capítulos em coautoria e vários livros, incluindo *Vidas emergentes, disposições duradouras (Emerging Lives, Enduring Dispositions)* (McCrae & Costa, 1984), *Personalidade na idade adulta: uma perspectiva da teoria dos cinco fatores, 2<sup>a</sup> ed.* (*Personality in Adulthood: A Five-Factor Theory Perspective, 2<sup>a</sup> edição*) (McCrae & Costa, 2003) e o Inventário da Personalidade NEO Revisado (Costa e McCrae, 1992).

## **À PROCURA DOS CINCO GRANDES FATORES**

O estudo dos traços foi iniciado por Allport e Odber na década de 1930 e continuado por Cattell na década de 1940 e por Tupes, Christal e Norman na década de 1960 (ver John & Srivastava, 1999, para uma revisão histórica do FFM, ou Big Five).

No final da década de 1970 e início da década de 1980, Costa e McCrae, assim como a maioria dos outros pesquisadores dos fatores, estavam construindo taxonomias elaboradas dos traços da personalidade, mas não estavam usando essas classificações para gerar hipóteses verificáveis. Em vez disso, eles estavam simplesmente empregando técnicas de análise fatorial para examinar a estabilidade e a estrutura da personalidade. Durante essa época, Costa

e McCrae focaram, a princípio, nas duas dimensões principais do neuroticismo e da extroversão.

Quase imediatamente depois que descobriram esses dois fatores, Costa e McCrae encontraram um terceiro fator, o qual chamaram de abertura à experiência. A maior parte do trabalho inicial de Costa e McCrae permaneceu focado nessas três dimensões (ver, p. ex., Costa & McCrae, 1976; Costa, Fozard, McCrae, & Bosse, 1976). Ainda que Lewis Goldberg tenha utilizado primeiro o termo *Big Five*, em 1981, para descrever os achados consistentes das análises fatoriais dos traços de personalidade, Costa e McCrae continuaram seu trabalho sobre os três fatores.

### Cinco fatores encontrados

Em 1983, McCrae e Costa estavam defendendo um modelo da personalidade com três fatores. Somente em 1985, eles começaram a relatar o trabalho sobre os cinco fatores da personalidade. Esse trabalho culminou em seu novo Inventário dos Cinco Fatores da Personalidade: o NEO-PI (Costa & McCrae, 1985). O NEO-PI era uma revisão de um inventário de personalidade anterior não publicado que media apenas as três primeiras dimensões: neuroticismo (N), extroversão (E) e abertura à experiência (O), do inglês, *openness*. No inventário de 1985, as duas últimas dimensões – amabilidade (A) e conscienciosidade (C) – ainda eram as escalas menos desenvolvidas, não havendo subescalas associadas a elas. Costa e McCrae (1992) não desenvolveram integralmente as escalas A e C, até que o NEO-PI Revisado apareceu, em 1992.

Durante a década de 1980, McCrae e Costa (1985, 1989) continuaram seu trabalho dos fatores analisando a maioria dos outros principais inventários da personalidade, incluindo o *Indicador de Tipos de Myers-Briggs* (Myers, 1962) e o *Inventário da Personalidade de Eysenck* (H. Eysenck & S. Eysenck, 1975, 1993). Por exemplo, em uma comparação direta de seu modelo com o inventário de Eysenck, Costa e McCrae relataram que os primeiros dois fatores de Eysenck (N e E) são totalmente coerentes com os dois primeiros fatores deles. A medida de Eysenck do psicotísmo mapeava o limite inferior de amabilidade e conscienciosidade, mas não explorava a abertura à experiência (McCrae e Costa, 1985).

Naquela época, havia duas questões importantes e relacionadas na pesquisa da personalidade. Primeiro, com as dezenas de diferentes inventários da personalidade e centenas de escalas distintas, como poderia emergir uma linguagem comum? Todos tinham o próprio conjunto de variáveis da personalidade um tanto idiossincráticas, dificultando as comparações entre os estudos e o progresso cumulativo. De fato, como escreveu Eysenck (1991a):

Onde temos literalmente centenas de inventários incorporando milhares de traços, em grande parte se sobrepondo, mas também contendo variância específica, cada achado empírico está referindo estritamente a apenas um traço específico de modo relevante. Essa não é a forma de construir uma disciplina científica unificada. (p. 786)

Segundo, qual é a estrutura da personalidade? Cattell preconizava 16 fatores; Eysenck, três, e muitos outros estavam começando a argumentar por cinco. A principal conquista do FFM foi oferecer respostas a essas duas questões.

Desde o final da década de 1980 e início da década de 1990, a maioria dos psicólogos da personalidade optou pelo FFM (Digman, 1990; John & Srivastava, 1999). Os cinco fatores foram encontrados em uma variedade de culturas, sob uma abundância de linguagens (McCrae & Allik, 2002). Além disso, os cinco fatores apresentam alguma permanência com a idade; ou seja, os adultos – na ausência de doença devastadora, como Alzheimer – tendem a manter a mesma estrutura de personalidade conforme envelhecem (McCrae & Costa, 2003). Esses achados estimularam McCrae e Costa (1996) a escrever que “os fatos acerca da personalidade estão começando a se encaixar” (p. 78). Ou como McCrae e Oliver John (1992) insistiam, a existência dos cinco fatores “é um fato empírico, como o fato de que existem sete continentes ou oito presidentes norte-americanos da Virgínia” (p. 194). (A propósito, não é um fato empírico que a terra tenha sete continentes: a maioria dos geógrafos considera apenas seis.)

### Descrição dos cinco fatores

McCrae e Costa concordavam com Eysenck que os traços de personalidade são bidirecionais e seguem uma distribuição em forma de sino. Isto é, a maioria das pessoas tem escores perto da porção intermediária de cada traço, com apenas algumas apresentando escores nos extremos. Como as pessoas nos extremos podem ser descritas?

Neuroticismo (N) e extroversão (E) são os dois traços da personalidade mais fortes e onipresentes, e Costa e McCrae conceitualizam de forma muito parecida com a que Eysenck os definiu. As pessoas com escore alto em *neuroticismo* tendem a ser ansiosas, temperamentais, autoindulgentes, autoconscientes, emocionais e vulneráveis a transtornos relacionados ao estresse. Aquelas com escore baixo nesse fator são, em geral, calmas, equilibradas, satisfeitas consigo mesmas e não emocionais.

As pessoas com escore alto em *extroversão* tendem a ser afetuosa, joviais, falantes, agregadoras e adoram diversão. Em contraste, as que possuem escores baixos nesse fator são provavelmente reservadas, quietas, solitárias, passivas e sem habilidade para expressar emoções fortes (ver Tab. 13.1).

A *abertura à mudança* distingue os indivíduos que preferem a variedade daqueles que têm uma necessidade de fechamento e que obtêm conforto na associação com pessoas e coisas familiares. Os que procuram de forma consistente experiências diferentes e variadas teriam um escore alto em abertura à experiência. Por exemplo, gostam de experimentar novos itens do cardápio em um restaurante ou gostam de procurar restaurantes novos e excitantes. Em contraste, as pessoas que não são abertas às experiências se apegam a algo familiar, que sabem que vão gostar. As pessoas com escore alto em abertura à experiência também

**TABELA 13.1** Modelo da personalidade dos cinco fatores de Costa e McCrae

<b>Extroversão</b>	<b>Escores altos</b>	<b>Escores baixos</b>
<b>Neuroticismo</b>	Afetivo Agregador Falante Adora diversão Ativo Apaixonado	Reservado Solitário Quieto Sóbrio Passivo Insensível
<b>Abertura à experiência</b>	Ansioso Temperamental Autoindulgente Inseguro Emocional Vulnerável	Calmo Equilibrado Satisfeito consigo Tranquilo Não emocional Resistente
<b>Amabilidade</b>	Imaginativo Criativo Original Prefere variedade Curioso Liberal	Prático Não criativo Convencional Prefere rotina Não curioso Conservador
<b>Conscienciosidade</b>	Gentil Confiante Generoso Aquiescente Flexível Bondoso	Insensível Desconfiado Mesquinho Antagonista Crítico Irritável
	Consciencioso Trabalhador Bem-organizado Pontual Ambicioso Perseverante	Negligente Preguiçoso Desorganizado Atrasado Sem objetivo Pouco persistente

tendem a questionar valores tradicionais, enquanto aquelas com escore baixo nessa dimensão tendem a defender os valores tradicionais e a preservar um estilo de vida fixo. Em suma, as pessoas com escore alto em abertura à experiência costumam ser criativas, imaginativas, curiosas e liberais e têm uma preferência pela variedade. Em contraste, aquelas com escore baixo nesse fator são, em geral, convencionais, práticas, conservadoras e carecem de curiosidade.

A escala de amabilidade distingue as pessoas ternas das inacessíveis. As pessoas com escores na direção da amabilidade tendem a ser confiantes, generosas, flexíveis, receptivas e bondosas. Aquelas com escore na direção oposta são geralmente desconfiadas, mesquinhas, hostis, irritáveis e críticas das outras pessoas.

O quinto fator – *conscienciosidade* – descreve pessoas que são ordeiras, controladas, organizadas, ambiciosas, focadas nas conquistas e autodisciplinadas. Em geral, as pessoas com escore alto nesse aspecto são trabalhadoras, diligentes, pontuais e perseverantes. Em contraste, as pessoas com escore baixo em conscienciosidade tendem a ser desorganizadas,

negligentes, preguiçosas, sem objetivo e, provavelmente, desistem quando um projeto se torna difícil. Juntas, essas dimensões compõem os traços de personalidade do FFM, frequentemente referidos como *Big Five* (Goldberg, 1981).

## EVOLUÇÃO DA TEORIA DOS CINCO FATORES

Originalmente, os cinco fatores constituíam nada mais do que uma taxonomia, uma classificação dos traços básicos da personalidade. No final da década de 1980, Costa e McCrae começaram a acreditar que eles e outros pesquisadores haviam encontrado uma estrutura estável da personalidade. Isto é, eles tinham respondido à primeira questão central: qual é a estrutura da personalidade? Esse avanço foi um marco importante para os traços de personalidade. O campo, agora, tinha uma linguagem de comum acordo para descrever a personalidade, e era em cinco dimensões. Descrever, no entanto, não é o mesmo que explicar. Para

a explicação, os cientistas precisam de teoria, e esse era o projeto seguinte de McCrae e Costa.

McCrae e Costa (1996) contestaram as primeiras teorias por basearem-se excessivamente nas experiências clínicas e em uma especulação de gabinete. Na década de 1980, a divergência entre as teorias clássicas e as teorias modernas focadas em pesquisa se tornou bastante pronunciada. Ficou claro, para eles, que "as antigas teorias não podem simplesmente ser abandonadas: elas devem ser substituídas por novas teorias, que se desenvolvam a partir de *insights* conceituais do passado e dos achados empíricos da pesquisa contemporânea" (p. 53). De fato, essa tensão entre o antigo e o novo foi uma das forças propulsoras subjacentes ao desenvolvimento de Costa e McCrae de uma teoria alternativa, que fosse além da taxonomia dos cinco fatores.

Qual, então, é a alternativa? O que uma teoria dos traços moderna poderia fazer para complementar as teorias clássicas? De acordo com McCrae e Costa, antes de tudo, uma nova teoria deve ser capaz de incorporar a mudança e o crescimento do campo que ocorreram durante os últimos 25 anos, além de ser baseada nos princípios empíricos atuais que emergiram da pesquisa.

Por 25 anos, esses dois estudiosos estiveram na vanguarda da pesquisa contemporânea da personalidade, desenvolvendo e elaborando o FFM. Para McCrae e Costa (1999), "nem o modelo em si nem os achados do corpo de pesquisa com o qual ele está associado consti-

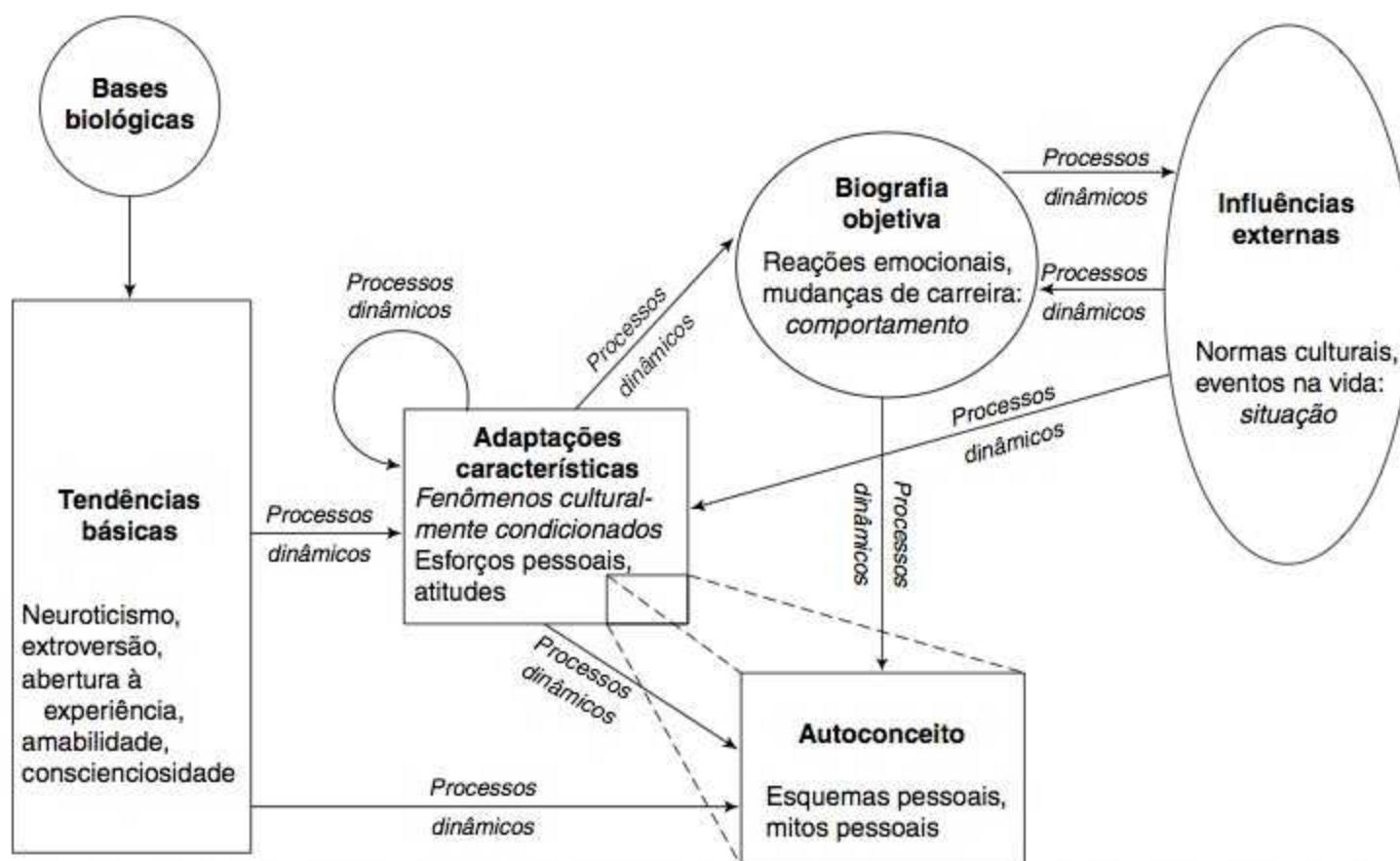
tuem uma teoria da personalidade. Uma teoria organiza os achados para contar uma história coerente, colocar em evidência aquelas questões e fenômenos que podem e devem ser explicados" (p. 139-140). Em ocasião anterior, McCrae e Costa (1996, p. 78) tinham afirmado que "os fatos acerca da personalidade estão começando a se encaixar. Agora, é hora de começar a dar um sentido a eles". Em outras palavras, era hora de transformar o FFM (taxonomia) em uma teoria dos cinco fatores (FFT; Five-Factor Theory).

### Unidades da teoria dos cinco fatores

Na teoria da personalidade de McCrae e Costa (1996, 1999, 2003), o comportamento é previsto por meio da compreensão de três componentes centrais ou essenciais e três periféricos. Os três componentes centrais incluem (1) tendências básicas, (2) adaptações características e (3) autoconceito.

### Componentes centrais da personalidade

Na Figura 13.3, os componentes centrais ou essenciais são representados por retângulos, enquanto os componentes periféricos são representados por elipses. As setas representam **processos dinâmicos** e indicam a direção da influência causal. Por exemplo, a biografia objetiva (experiências de vida) é o resultado de adaptações características e de influências externas. Além disso, as bases biológicas



**FIGURA 13.3** Operação do sistema da personalidade de acordo com a teoria dos cinco fatores. As setas indicam a direção das influências causais, as quais operam por meio de processos dinâmicos. Adaptada de McCrae e Costa (1996).

são a única causa das tendências básicas (traços de personalidade). O sistema da personalidade pode ser interpretado transversalmente (como o sistema opera em determinado ponto no tempo) ou longitudinalmente (como nos desenvolvemos durante toda a vida). Além do mais, cada influência causal é dinâmica, significando que ela se modifica ao longo do tempo.

**Tendências básicas** Conforme definido por McCrae e Costa (1996), as **tendências básicas** são um dos componentes centrais da personalidade, com adaptações características, autoconceito, bases biológicas, biografia objetiva e influências externas. McCrae e Costa definiram as tendências básicas como:

o material bruto universal das capacidades e disposições da personalidade que costuma ser inferido em vez de observado. As tendências básicas podem ser herdadas, determinadas pela experiência precoce ou modificadas por doença ou intervenção psicológica, mas, em qualquer período específico da vida, elas definem o potencial e a direção do indivíduo. (p. 66, 68)

Em versões anteriores de sua teoria, McCrae e Costa (1996) deixaram claro que muitos elementos diferentes compõem as tendências básicas. Além dos cinco traços estáveis da personalidade, essas tendências básicas incluem habilidades cognitivas, talento artístico, orientação sexual e processos psicológicos subjacentes à aquisição da linguagem.

Na maior parte de suas publicações posteriores, McCrae e Costa (1999, 2003) focaram quase que exclusivamente os traços de personalidade: de modo mais específico, as cinco dimensões (N, E, O, A e C) descritas em detalhes anteriormente (ver Tab. 13.1). A essência das tendências básicas é sua base biológica e sua estabilidade ao longo do tempo e das situações.

**Adaptações características.** Os componentes essenciais da FFT incluem as **adaptações características**, ou seja, estruturas da personalidade adquiridas que se desenvolvem conforme as pessoas se adaptam a seu ambiente. A diferença principal entre as tendências básicas e as adaptações características é a flexibilidade. Enquanto as tendências básicas são bastante estáveis, as adaptações características podem sofrer a interferência de influências externas, tais como habilidades adquiridas, hábitos, atitudes e relações que resultam da interação dos indivíduos com o ambiente. McCrae e Costa (2003) explicaram a relação entre as tendências básicas e as adaptações características, referindo que o centro de sua teoria "é a distinção entre as tendências básicas e as adaptações características, precisamente a distinção de que precisamos para explicar a estabilidade da personalidade" (p. 187).

Todas as habilidades adquiridas e específicas, como a língua inglesa ou a estatística, são adaptações características. A rapidez com que aprendemos (talento, inteligên-

cia, aptidão) é a tendência básica; o que aprendemos é a adaptação característica. Além do mais, nossas disposições e tendências são a influência direta em nossas adaptações características. As respostas características são formadas e moldadas pelas tendências básicas. O que as torna características é sua coerência e singularidade; portanto, elas refletem a operação dos traços de personalidade duradouros. Relembrando Allport, elas são adaptações porque são moldadas como uma resposta ao que o ambiente tem a oferecer em determinado momento. Elas permitem nos encaixarmos ou nos adaptarmos ao ambiente de forma contínua.

O entendimento de como as adaptações características e as tendências básicas interagem é absolutamente central para a FFT. As tendências básicas são estáveis e duradouras, enquanto as adaptações características flutuam, estando sujeitas a mudanças durante a vida. As adaptações características diferem de cultura para cultura. Por exemplo, a expressão de raiva em presença de um superior é muito mais tabu no Japão do que nos Estados Unidos. A distinção entre as tendências estáveis e as adaptações mutáveis é importante porque pode explicar a estabilidade e a plasticidade da personalidade. Assim, McCrae e Costa forneceram uma solução para o problema da estabilidade *versus* mudança na estrutura da personalidade. As tendências básicas são estáveis, enquanto as adaptações características flutuam.

**Autoconceito.** McCrae e Costa (2003) explicam que o **autoconceito** é, na verdade, uma adaptação característica (ver Fig. 13.3), mas ele tem o próprio quadro porque é uma adaptação importante. McCrae e Costa (1996) escreveram que ele "consiste em conhecimento, visões e avaliações do *self*, que vão desde fatos variados da história pessoal até a identidade que dá um senso de propósito e coerência à vida" (p. 70). As crenças, as atitudes e os sentimentos que o indivíduo tem em relação a si mesmo são adaptações características, uma vez que influenciam o modo como ele se comporta em determinada circunstância. Por exemplo, acreditar que é uma pessoa inteligente torna o indivíduo mais predisposto a se colocar em situações que são intelectualmente desafiadoras.

O autoconceito precisa ser exato? Teóricos da aprendizagem, como Albert Bandura (Cap. 17), e teóricos humanistas, como Carl Rogers (Cap. 10) ou Gordon Allport (Cap. 12), acreditam que as visões conscientes que as pessoas têm de si mesmas são relativamente precisas, com alguma distorção, talvez. Em contraste, os teóricos psicodinâmicos argumentam que a maior parte dos pensamentos e sentimentos conscientes que as pessoas têm de si mesmas é inherentemente distorcida, e a verdadeira natureza do *self* (*ego*) é, em grande parte, inconsciente. Contudo, McCrae e Costa (2003) incluem os mitos pessoais como parte do autoconceito.

### Componentes periféricos

Os três componentes periféricos são: (1) bases biológicas, (2) biografia objetiva e (3) influências externas.

**Bases biológicas.** A FFT se baseia em uma única influência causal sobre os traços da personalidade, a saber, a biológica. Os principais mecanismos biológicos que influenciam as tendências básicas são os genes, os hormônios e as estruturas cerebrais. McCrae e Costa ainda não forneceram detalhes específicos sobre quais genes, hormônios e estruturas cerebrais desempenham quais papéis em sua influência na personalidade. Os avanços em genética comportamental e imagens cerebrais podem ajudar a completar os detalhes. Esse posicionamento das bases biológicas elimina qualquer papel que o ambiente possa desempenhar na formação das tendências básicas. Isso não deve sugerir que o ambiente não faça parte da formação da personalidade – apenas que ele não tem uma influência direta nas tendências básicas (ver Fig. 13.3). O ambiente, de fato, influencia alguns componentes da personalidade. Tal aspecto enfatiza a necessidade de distinguir os dois componentes principais do modelo: tendências básicas e adaptações características (McCrae & Costa, 1996, p. 187).

**Biografia objetiva.** O segundo componente periférico é a **biografia objetiva**, definida como “tudo o que a pessoa faz, pensa ou sente durante toda a vida” (McCrae & Costa, 2003, p. 187). A biografia objetiva enfatiza o que aconteceu na vida das pessoas (objetivo), em vez da visão ou de percepções de suas experiências (subjetivo). Cada comportamento ou resposta passa a fazer parte do registro cumulativo. Enquanto teóricos como Alfred Adler (estilo de vida) ou Dan McAdams (narrativa pessoal) enfatizam as interpretações subjetivas que a pessoa faz da própria história de vida, McCrae e Costa focam as experiências objetivas – os eventos e as experiências que a pessoa teve ao longo da vida.

**Influências externas.** As pessoas, muitas vezes, se encontram em uma situação física ou social particular que tem alguma influência no sistema da personalidade. A questão de como respondemos às oportunidades e às demandas do contexto é do que tratam as **influências externas**. De acordo com McCrae e Costa (1999, 2003), essas respostas são uma função de dois aspectos: (1) adaptações características e (2) sua interação com influências externas (observe as duas setas entrando na elipse da biografia objetiva na Fig. 13.3).

McCrae e Costa pressupõem que o comportamento é uma função da interação entre as adaptações características e as influências externas. Como exemplo, eles citam o caso de Joan, a quem são oferecidos ingressos para a ópera *La traviata* (uma influência externa). Porém, Joan tem uma longa história pessoal de detestar ópera (uma adaptação característica) e, portanto, recusa a oferta (uma biografia objetiva). Para elaborar, Joan pode muito bem ter uma tendência básica a ser fechada (em vez de aberta) a novas

experiências e nunca ter assistido à ópera quando criança ou pode ter simplesmente formado uma opinião negativa sobre ela com base no que se diz a respeito. Seja qual for o caso, ela se sente mais à vontade com eventos que lhe são familiares e com experiências práticas. Esse histórico prediz que Joan provavelmente responderá da forma como respondeu a uma oferta de assistir a uma ópera. As decisões de ficar afastada de tais experiências se reforçam conforme seu desagrado por ópera aumenta. Isso está refletido na seta em círculo na Figura 13.3.

### Postulados básicos

Cada um dos componentes do sistema da personalidade (exceto as bases biológicas) possui postulados centrais. Como os componentes das tendências básicas e das adaptações características são mais centrais ao sistema da personalidade, vamos elaborar somente os postulados para esses dois componentes.

#### Postulados para as tendências básicas

As tendências básicas têm quatro postulados: individualidade, origem, desenvolvimento e estrutura. Primeiro, o postulado da *individualidade* estipula que os adultos têm um conjunto único de traços e que cada pessoa exibe uma combinação singular de padrões de traços. A quantidade precisa de neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade é única para todos nós, e muito de nossa singularidade resulta da variabilidade em nosso genótipo. Esse postulado é coerente com a ideia de Allport de que a singularidade é a essência da personalidade.

Segundo, o postulado da *origem* assume uma postura clara e um tanto controversa: todos os traços de personalidade são o resultado de forças endógenas (internas), como a genética, os hormônios e as estruturas cerebrais. Em outras palavras, o ambiente familiar não desempenha um papel na criação das tendências básicas (mas, novamente, lembre-se de que os traços de personalidade não são sinônimos de personalidade como um todo). A Figura 13.3 mostra apenas uma seta causal indo das bases biológicas até as tendências básicas. Tal alegação está baseada, principalmente, nos achados da genética comportamental de que as cinco dimensões da personalidade podem ser explicadas quase que de modo exclusivo (cerca de 50% cada) por dois fatores, a saber, genética e ambiente não compartilhado (Hamer & Copeland, 1998; Loehlin, 1992; Plomin & Caspi, 1999). A influência genética é demonstrada pelo que os geneticistas comportamentais chamam de coeficientes de hereditariedade e resulta da pesquisa sobre estudos de adoção e estudos com gêmeos. Hereditariedade trata da questão de qual é a diferença na correlação de determinado traço de personalidade entre indivíduos que são geneticamente idênticos (gêmeos idênticos) e aqueles que compartilham apenas 50% de seus genes (todos os outros irmãos). Se os

genes não desempenhassem papel algum na modelagem dos traços, não seriam encontradas diferenças nas correlações entre as pessoas que variam em seu grau de semelhança genética. Gêmeos idênticos e gêmeos fraternos seriam igualmente semelhantes ou igualmente diferentes. Evidências indicam que gêmeos idênticos, mesmo se criados em ambientes diferentes, apresentam maior semelhança na personalidade do que outros irmãos. E, no caso da maioria dos traços de personalidade, o grau de semelhança sugere que cerca de 50% da variabilidade na personalidade deve-se à hereditariedade ou à genética. A maior parte dos 50% restantes é explicada por experiências não compartilhadas de irmãos de idades variadas; ou seja, os irmãos, em geral, têm experiências, amigos e professores diferentes. Por exemplo, os pais modificam seu comportamento parental com o tempo e a experiência. Assim, um filho nascido três ou quatro anos depois de outro estará sendo criado em um ambiente um pouco diferente.

Terceiro, o postulado do *desenvolvimento* pressupõe que os traços se desenvolvem e se modificam durante a infância, mas, na adolescência, seu desenvolvimento fica mais lento; e do início até a metade da vida adulta (aproximadamente 30 anos), as mudanças na personalidade quase param por completo (Costa & McCrae, 1994; Costa, McCrae & Arenberg, 1980).

McCrae e Costa (2003) especularam que pode haver algumas razões evolucionárias e adaptativas para essas mudanças: quando as pessoas são jovens e estão estabelecendo seus relacionamentos e carreiras, extroversão, abertura à mudança e até mesmo neuroticismo altos seriam benéficos. Conforme as pessoas amadurecem e se estabelecem, esses traços não são mais tão adaptativos quanto eram anteriormente. Já o aumento em amabilidade e conscienciosidade pode ser útil conforme as pessoas envelhecem. Em nossa seção sobre pesquisa, discutimos a estabilidade dos traços durante a idade adulta.

Por fim, o postulado da *estrutura* afirma que os traços são organizados de modo hierárquico, desde limitados e específicos até amplos e gerais, como Eysenck sugeriu. Esse postulado se desenvolve a partir da posição de McCrae e Costa de que o número de dimensões da personalidade é cinco e somente cinco. Tal número é mais do que os três da hipótese de Eysenck e consideravelmente menor do que os 35 encontrados por Cattell. Com o postulado da estrutura, McCrae e Costa e outros teóricos dos cinco fatores convergem para cinco como a resposta para o antigo debate entre os teóricos dos fatores.

### **Postulados para as adaptações características**

O postulado referente às adaptações características afirma que, ao longo do tempo, as pessoas adaptam-se ao ambiente "adquirindo padrões de pensamentos, sentimentos e comportamentos que são coerentes com seus traços de persona-

lidade e adaptações anteriores" (McCrae & Costa, 2003, p. 190). Em outras palavras, os traços afetam a maneira como nos adaptamos às mudanças no ambiente. Além disso, nossas tendências básicas resultam de nossa procura e seleção de ambientes particulares que combinam com nossas disposições. Por exemplo, uma pessoa extrovertida pode se associar a um clube de dança, enquanto uma pessoa assertiva pode se tornar advogada ou executiva de empresa.

O segundo postulado da adaptação característica – desajustamento – sugere que as respostas dos indivíduos nem sempre são coerentes com objetivos pessoais ou valores culturais. Por exemplo, quando a introversão é levada ao extremo, ela pode resultar em timidez social patológica, o que impede as pessoas de saírem de casa ou permanecerem no emprego. Além disso, a agressividade levada ao extremo pode conduzir à beligerância e ao antagonismo, que, então, resultam em maior frequência de demissões dos empregos. Esses hábitos, atitudes e competências que compõem as adaptações características por vezes são tão rígidos ou compulsivos que se provocam desadaptação.

O terceiro postulado da adaptação característica afirma que os traços básicos podem "mudar com o tempo em resposta à maturação biológica, a alterações no ambiente ou a intervenções deliberadas" (McCrae & Costa, 2003, p. 190). Esse é o postulado da plasticidade de McCrae e Costa, que reconhece que, embora as tendências básicas possam ser consideravelmente estáveis ao longo da vida, as adaptações características não o são. Por exemplo, intervenções como psicoterapia e modificação do comportamento podem ter dificuldade em mudar os traços fundamentais de uma pessoa, mas podem ser potentes o suficiente para alterar suas respostas características.

### **PESQUISA RELACIONADA**

A abordagem dos traços adotada por Robert McCrae e Paul Costa é muito popular no campo da personalidade. Costa e McCrae desenvolveram um inventário da personalidade amplamente utilizado, o NEO-PI (Costa & McCrae, 1985, 1992).

Os traços foram vinculados a resultados vitais, como saúde física (Martin, Friedman & Schwartz, 2007), bem-estar (Costa & McCrae, 1980) e sucesso acadêmico (Nofle & Robins, 2007; Zypur, Islam, & Landis, 2007); mas os traços também foram relacionados a resultados cotidianos mais comuns, como humor (McNiel & Fleeson, 2006). Conforme é visto a seguir, os traços podem predizer resultados de longo prazo como a GPA\* (Nofle & Robins, 2007), que é produto de anos de trabalho, mas os traços também podem predizer resultados mais discretos, como quantas vezes você vai fazer um exame de ingresso para

\* N. de T.: A GPA, Grade Point Average, é uma medida de desempenho acadêmico em faculdade ou universidade.

uma universidade como o SAT\* (Zyphur, Islam, & Landis, 2007) e com que tipo de humor você pode estar em determinado dia (McNeil & Fleeson, 2006).

### Traços e desempenho acadêmico

Os traços de personalidade são fortes preditores de muitos aspectos da vida. Uma área que recebeu grande quantidade de pesquisa é a relação entre traços e desempenho acadêmico, conforme medido por escores de testes padronizados e de GPA. Os pesquisadores Erik Nofle e Richard Robins (2007) conduziram um amplo estudo, no qual eles mediram os traços e os resultados acadêmicos de mais de 10 mil estudantes. Para realizar essa pesquisa, os universitários receberam questionários de autorrelato para medir seus escores nos traços *Big Five* e perguntou-se a eles acerca de seus escores no SAT e nas GPAs do ensino médio e da faculdade, os quais foram, então, comparados com os registros da universidade para exatidão. O traço mais importante para previsão de escore GPA alto no ensino médio e na faculdade era a conscienciosidade. Os que têm esse traço alto tendem a ter escores GPAs mais altos tanto no ensino médio quanto na faculdade. Lembre-se de que conscienciosidade no MFF de Costa e McCrae envolve características como trabalhador, bem-organizado e pontual. Os estudantes com alta conscienciosidade são aqueles que, dia após dia, tendem a reservar tempo para o estudo, sabem como estudar bem e têm boa frequência às aulas, o que contribui para que se saiam bem na escola.

A relação entre os traços e os escores no SAT seguiu um padrão diferente do observado para os traços e os escores na GPA. Os traços *Big Five* não eram fortes previsores na seção de matemática do SAT, mas abertura à experiência estava relacionada aos escores da seção verbal (Nofle & Robins, 2007). Especificamente, aqueles com escore mais alto no traço abertura à experiência tinham maior probabilidade de se saírem bem nas questões verbais do SAT. Se pensarmos a respeito, isso faz sentido. Aqueles com escore alto nesse traço são imaginativos, criativos e têm pensamento amplo, aspectos que podem ser úteis para questões difíceis em um teste.

Pode ser surpreendente que, na discussão da previsão dos escores no SAT a partir dos traços, conscienciosidade não seja um forte previsor como era para GPA. E, ainda, os escores no SAT e na GPA, embora sejam medidas gerais de sucesso acadêmico, são muito diferentes. O escore de uma pessoa no SAT é mais de aptidão e fundamentado em um único teste, enquanto o escore na GPA é mais de desempenho e produto de anos de trabalho. É mais difícil, apenas por meio do estudo, mudar o próprio escore no SAT. Ele é mais comparável a um escore de teste de inteligência.

\* N. de T.: O SAT, Scholastic Aptitude Test, é um teste padronizado aplicado a estudantes do ensino médio que se candidatam à universidade nos Estados Unidos.

Algumas pessoas submetem-se ao SAT muitas vezes, enquanto outras o fazem apenas uma vez. Essas diferentes abordagens para a realização do teste podem refletir diferenças no traço do neuroticismo. As pessoas com escore alto nesse traço são ansiosas e temperamentais, enquanto as pessoas com escore baixo são calmas, tranquilas e satisfeitas consigo mesmas. Considerando que aqueles com escore alto no traço de neuroticismo tendem a ser mais ansiosos e menos satisfeitos consigo, faz sentido que eles tenham maior probabilidade de se submeterem ao SAT repetidas vezes.

Michael Zyphur e colaboradores (2007) conduziram um estudo para ver se aqueles com escore alto em neuroticismo tinham, de fato, maior probabilidade de se submeterem outra vez ao SAT. Para testar essa previsão, os pesquisadores administraram uma medida de autorrelato de neuroticismo em 207 universitários e, então, examinaram as transcrições para informações sobre quantas vezes cada estudante submeteu-se ao SAT antes de entrar na faculdade e quais foram seus escores. Os resultados corroboraram a hipótese dos pesquisadores, uma vez que aqueles com escore alto nesse traço tinham maior probabilidade de realizar o SAT muitas vezes. É interessante observar que os pesquisadores também constataram que os escores no SAT tendiam a aumentar com o tempo; portanto, os estudantes tendiam a ter escores mais altos na segunda vez do que na primeira e ainda mais altos na terceira vez que realizavam o teste. Esses achados são importantes: às vezes, escores altos em, são percebidos de modo negativo, porque essas pessoas são altamente autoconscientes, nervosas, emocionais e, em geral, preocupadas com tudo. Porém, nesse estudo, as tendências ansiosas daqueles com escore alto em neuroticismo eram muito adaptativas, porque os levavam a fazer novamente o SAT, tendo escore mais alto.

Quando se trata de prever o desempenho acadêmico a partir dos traços, os traços mais importantes dependem do resultado do interesse, pois existem muitas maneiras de se sair bem. Conscienciosidade é bom para a GPA, mas não tão importante para o SAT. A abertura à experiência é ideal para habilidade verbal, mas não importa muito para habilidade matemática. E neuroticismo, embora geralmente relacionado a maiores sentimentos de ansiedade e autoconsciência, está associado a fazer os testes repetidas vezes, obtendo um resultado melhor a cada vez.

### Traços, uso da Internet e bem-estar

Tem havido muito debate público acerca do impacto da Internet no bem-estar dos adolescentes; contudo, as pesquisas iniciais sobre tal questão apresentaram resultados contraditórios. Alguns estudos constataram, como muitos pais e educadores temem, que o uso diário da Internet está associado a níveis mais elevados de depressão e menor bem-estar nos adolescentes (p. ex., Van den Eijnden et al., 2008), enquanto outros não detectaram correlação entre

essas variáveis (p. ex., Gross et al., 2002). Em um estudo recente de jovens holandeses, van der Aa e colaboradores (2009) ponderaram que a Internet não é usada da mesma maneira por todos os adolescentes, nem esse uso afeta todos os adolescentes da mesma maneira. Eles procuraram examinar a contribuição dos traços de personalidade dos adolescentes para o uso da Internet e o impacto que o uso tem no bem-estar. Os adolescentes mais introvertidos se voltam mais para a Internet do que para as interações sociais, por exemplo? E o uso da Internet impacta de modos diferentes os jovens com perfis de traços distintos?

Os pesquisadores estudaram um grande número de adolescentes na Holanda por meio de um questionário *on-line*. A amostra total incluiu 7.888 adolescentes, variando em idade de 11 a 21 anos. Além de completarem o Big Five para avaliar os níveis de extroversão, abertura à experiência, amabilidade, neuroticismo e conscienciosidade, eles foram consultados sobre uso da Internet, solidão, autoestima e disposição depressiva. Os resultados mostraram que o uso diário da Internet, em si, não está diretamente associado a redução do bem-estar (um achado que traz alívio para muitos leitores deste livro). Ao contrário, os riscos do uso da Internet em termos de bem-estar estão mais relacionados às tendências dos indivíduos a utilizarem a Internet *compulsivamente* – sentir-se incapaz de parar de navegar, ser preocupado com a Internet ou ter o seu uso interferindo em outras tarefas. Essa utilização compulsiva foi prevista no estudo pelos traços de personalidade. Os adolescentes e os jovens adultos mais introvertidos, menos amáveis e mais neuróticos tinham maior probabilidade de ter escores altos no uso compulsivo, e tal utilização compulsiva era, por sua vez, um preditor mais forte de sentimentos de solidão e de sintomas depressivos.

De forma intuitiva, faz sentido que os adolescentes que são mais introvertidos e neuróticos e menos amáveis considerem a interação social face a face menos gratificante do que os pares mais extrovertidos, amáveis e emocionalmente estáveis. Por causa disso, é provável que aqueles jovens considerem a Internet um contexto mais agradável para comunicação. Van der Aa e colaboradores (2009) levantam a hipótese de que esses jovens podem acabar em um círculo vicioso de um uso ainda maior da Internet, que pode se tornar compulsivo, levando a diminuição do bem-estar. Talvez, então, visar aos adolescentes com esse perfil de traços para reduzir o uso da Internet e oferecer atividades gratificantes *offline* poderiam melhorar sua saúde mental.

### Traços e emoção

Os traços de personalidade afetam mais do que o sucesso na escola e outros resultados de longo prazo. Eles também podem afetar o humor que a pessoa experimenta diariamente. Se examinarmos com cuidado os descritores de cada traço, sobretudo extroversão e neuroticismo, isso não causa surpresa. Ter extroversão alta é ser aficionado por diversão

e apaixonado (ambos sentimentos positivos), enquanto ter índice alto em neuroticismo é ser ansioso e autoconsciente (ambos sentimentos negativos). Assim, os pesquisadores há tempo consideram emoções positivas como o núcleo da extroversão e emoções negativas como o núcleo do neuroticismo (Costa & McCrae, 1980). Porém, o que não ficou claro na maioria das pesquisas iniciais sobre o tópico é se os traços de extroversão ou neuroticismo causam a experiência de humor positivo e negativo, respectivamente, ou se é a experiência das emoções que faz as pessoas se comportarem de modo concordante com os traços. Por exemplo, se as pessoas estão de bom humor, faz sentido que elas sejam mais jovais e falantes (i. e., comportamento extrovertido). Mas elas estão de bom humor porque estão agindo de forma extrovertida ou elas estão agindo de forma extrovertida porque estão de bom humor? Da mesma forma, se as pessoas estão de mau humor, faz sentido que elas ajam com um pouco de autoconsciência e experimentem ansiedade (i. e., comportamento neurótico). Mas o humor causou o comportamento ou o comportamento promoveu o humor?

Murray McNeil e William Fleeson (2006) realizaram um estudo para determinar a direção da causalidade para as relações entre extroversão e humor positivo e entre neuroticismo e humor negativo. Especificamente, eles estavam interessados em determinar se agir de maneira extrovertida faz as pessoas experimentarem sentimentos positivos e se agir de maneira neurótica faz as pessoas experimentarem sentimentos negativos. Para tanto, McNeil e Fleeson levaram para um laboratório de psicologia 45 participantes em grupos de três e os fizeram envolver-se em dois grupos de discussão diferentes. Durante a primeira discussão, uma pessoa no grupo foi instruída a agir de forma “audaciosa, espontânea, assertiva e falante” (todos comportamentos extrovertidos), um participante foi instruído a agir de forma “reservada, inibida, tímida e quieta” (todos comportamentos introvertidos) e um terceiro indivíduo não recebeu instruções e, em vez disso, era um observador neutro do comportamento dos outros dois membros do grupo. Após a discussão, os participantes que foram instruídos a agir de forma extrovertida ou introvertida classificavam o próprio humor, enquanto o observador neutro classificava o humor dos membros de seu grupo (aqueles que foram instruídos a agir de forma extrovertida ou introvertida). Durante a segunda discussão do grupo, os papéis daqueles que foram instruídos a se comportar de forma extrovertida ou introvertida foram trocados, de modo que aquele que agiu de maneira extrovertida na primeira discussão atuava de forma introvertida na segunda discussão e vice-versa. O observador neutro permanecia o mesmo. Esse tipo de *design* experimental permitiu aos pesquisadores determinar, de forma conclusiva, se o comportamento extrovertido, de fato, causa humor positivo.

Conforme previsto, os participantes relataram humor positivo mais alto quando foram instruídos a agir de forma extrovertida do que quando instruídos a atuar de forma in-

trovertida. Tal achado também foi corroborado pelas avaliações do observador neutro e foi coerente para as pessoas com traço de extroversão alto ou baixo. Isso sugere que, independentemente do nível natural de extroversão, apenas agir de maneira extrovertida pode fazer você se sentir melhor do que se agir de forma introvertida.

Lembre-se de que enquanto a disposição positiva é considerada o núcleo da extroversão, a disposição negativa é considerada o núcleo do neuroticismo. McNiel e Fleeson (2006) pretendiam estender as conclusões obtidas quanto a extroversão e a disposição positiva e, então, realizaram outro estudo, dessa vez investigando os efeitos em neuroticismo e disposição negativa. O procedimento foi essencialmente o mesmo que o do estudo anterior, mas, em vez de uma pessoa ser instruída a agir de forma extrovertida ou introvertida, um participante foi instruído a atuar de forma "emocional, subjetiva, mal-humorada e exigente" (todos aspectos de neuroticismo alto) e outro a agir de forma "não emocional, objetiva, equilibrada e não exigente" (todos aspectos de neuroticismo baixo). Os papéis foram trocados para a segunda discussão do grupo. Conforme previsto, os participantes relataram estar com pior humor quando agiram de forma neurótica do que quando não atuaram assim. A conclusão geral dessa pesquisa, então, é que se você está de mau humor, mas quer ficar de bom humor, aja de forma extrovertida.

Até agora, discutimos como o traço de neuroticismo pode estar relacionado a emoção negativa e como agir de forma neurótica pode causar emoção negativa. Todavia, existem algumas pesquisas recentes que sugerem que nem todos com escore alto em neuroticismo experimentam mais emoção negativa (Robinson & Clore, 2007). Há diferenças individuais para a velocidade com que as pessoas processam as informações que chegam, e tais diferenças influenciam a relação entre neuroticismo e disposição negativa. Essas diferenças na velocidade são medidas em milissegundos e, portanto, são imperceptíveis para o indivíduo e para as outras pessoas, mas existem computadores que conseguem mensurar tais diferenças com bastante precisão. Para medir essas diferenças de velocidade, os participantes se sentam em frente a um computador e completam a tarefa do teste de Stroop, que envolve identificar se a cor da fonte de uma palavra apresentada na tela é vermelha ou verde. Essa tarefa é mais difícil do que parece, porque, às vezes, a palavra "vermelho" aparece em fonte verde; então, embora a resposta correta seja "verde", as pessoas, a princípio, querem responder "vermelho" e devem superar essa tendência.

No estudo conduzido por Michael Robinson e Gerald Clore (2007), os participantes, primeiro, completaram a tarefa do teste de Stroop, enquanto um computador media a rapidez com que isso era feito. Após realizarem a tarefa no computador, os participantes também completaram uma medida-padrão de autorrelato de neuroticismo. Então, tinham que registrar seu humor ao final de cada dia, durante duas semanas. De acordo com pesquisas anteriores,

neuroticismo deveria prever disposição negativa diária, mas Robinson e Clore (2007) previram que esse seria o caso apenas para aqueles que eram relativamente lentos na tarefa de classificação (tarefa do teste de Stroop). O raciocínio para tal previsão foi que aqueles que são rápidos no processamento das coisas em seu ambiente não precisam depender de traços como neuroticismo para interpretar os eventos e, assim, causar humor negativo. Em outras palavras, os processadores rápidos interpretam o ambiente de forma objetiva, enquanto os processadores lentos são mais subjetivos em suas avaliações, dependendo de disposições de traços para interpretar os eventos.

De fato, isso é exatamente o que os pesquisadores encontraram: neuroticismo realmente prediz experimentar mais humor negativo durante o curso de duas semanas de relato, mas apenas para aqueles que eram lentos na tarefa de computador. Aqueles que tinham neuroticismo elevado, mas eram rápidos na tarefa de computador, não relataram mais emoção negativa durante o período de duas semanas do que sua contrapartida com neuroticismo baixo.

Tomadas em conjunto, as pesquisas sobre traços e emoção mostram que, embora as pesquisas iniciais nessa área mostrando que extroversão e neuroticismo estão relacionados a humor positivo e negativo, respectivamente, não sejam erradas, isso não retrata o quadro completo da relação complexa entre traços e emoção. A pesquisa de McNiel e Fleeson (2006) mostrou que agir de forma extrovertida, mesmo sem extroversão alta, pode aumentar o humor positivo. Além disso, embora neuroticismo esteja relacionado a experimentar mais humor negativo, Robinson e Clore (2007) demonstraram que esse era o caso apenas para aqueles que não somente tinham neuroticismo alto como também eram relativamente lentos na classificação das informações recebidas. Os traços são bons preditores de notas na escola, escores de SAT, uso compulsivo da Internet e até mesmo humor diário, mas não são um destino imutável. Mesmo que os traços predisponham a certos tipos de comportamento, as ações podem subverter tais disposições.

## CRÍTICAS ÀS TEORIAS DOS TRAÇOS E FATORES

Os métodos dos traços e fatores – especialmente aqueles de Eysenck e dos defensores do modelo *Big Five* – oferecem importantes taxonomias que organizam a personalidade em classificações significativas. Entretanto, conforme indicado no Capítulo 1, as taxonomias, por si só, não explicam ou preveem comportamento, duas funções importantes das teorias úteis.

Essas teorias vão além das taxonomias e produzem pesquisas importantes sobre a personalidade? As teorias dos traços e fatores de Costa e McCrae são exemplos de uma abordagem estritamente empírica de investigação da

personalidade. Elas foram construídas por meio da coleta de tantos dados quanto fosse possível em um grande número de pessoas, inter-relacionando os escores, submetendo matrizes de correlação à análise fatorial e aplicando significância psicológica apropriada aos fatores resultantes. Uma abordagem psicométrica, em vez do julgamento clínico, é o pilar das teorias dos traços e fatores. No entanto, assim como outras teorias, as teorias dos traços e fatores devem ser julgadas pelos seis critérios de uma teoria útil.

Primeiro, as teorias dos traços e fatores *geram pesquisas*? Com base nesse critério, o modelo dos cinco fatores de McCrae e Costa e de outros defensores da estrutura da personalidade *Big Five* também gerou grande quantidade de pesquisa **empírica**. Essa pesquisa mostrou que os traços de extroversão, neuroticismo, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade não estão limitados às nações ocidentais, mas são encontrados em uma ampla variedade de culturas, com o uso de várias traduções do NEO-PI revisado (McCrae, 2002). Além disso, McCrae e Costa identificaram que os traços básicos da personalidade são um tanto flexíveis até cerca de 30 anos, mas, depois desse período, eles permanecem consideravelmente estáveis ao longo da vida.

Segundo, as teorias dos traços e fatores são *refutáveis*? De acordo com esse critério, as teorias dos traços e fatores recebem uma classificação de moderada a alta. O trabalho de McCrae e Costa presta-se à refutação, muito embora parte da pesquisa proveniente de países ocidentais sugira que outros traços além do *Big Five* podem ser necessários para explicar a personalidade em países asiáticos.

Terceiro, as teorias dos traços e fatores têm classificação alta na capacidade de *organizar o conhecimento*. Tudo o que é verdadeiramente conhecido acerca da personalidade deve ser redutível a uma quantidade. Tudo que pode ser quantificado pode ser medido, e tudo o que pode ser medido pode ser submetido à análise fatorial. Os fatores extraí-

dos, então, oferecem uma descrição conveniente e precisa da personalidade em termos de traços. Estes, por sua vez, podem apresentar uma estrutura para organizar muitas observações diferentes acerca da personalidade humana.

Quarto, uma teoria útil tem o poder de *guiar as ações dos praticantes*, e, nesse critério, as teorias dos traços e fatores recebem opiniões variadas. Ainda que tais teorias forneçam uma taxonomia abrangente e estruturada, essa classificação é menos útil a pais, professores e terapeutas do que a pesquisadores.

As teorias dos traços e fatores são *coerentes internamente*? A teoria e a pesquisa do *Big Five* é internamente coerente, mesmo que haja alguns (p. ex., Eysenck, ver Cap. 14) que discordem do número de dimensões básicas da personalidade. Pesquisas transculturais tendem a dar apoio para a universalidade dessas cinco dimensões por todo o mundo, o que sugere que elas são dimensões coerentes da personalidade humana (McCrae, 2002; Schmitt, Allik, McCrae, & Benet-Martínez, 2007; Trull & Geary, 1997; Zheng et al., 2008). No entanto, devemos assinalar que a pesquisa transcultural não é unânime em seus achados que corroboram com o *Big Five*, em parte devido às dificuldades em traduzir as perguntas para muitas línguas diferentes. Por exemplo, a coerência interna da escala de amabilidade do Inventário *Big Five* é apenas 0,57 no Sul e no Sudeste da Ásia, sugerindo que os itens não estão mediindo completamente uma dimensão entre os asiáticos (Schmitt et al., 2007).

O critério final de uma teoria útil é a *parcimônia*. De maneira ideal, as teorias dos traços e fatores devem receber uma excelente classificação nesse padrão, porque a análise fatorial está baseada na ideia do menor número de fatores explanatórios possível. Em outras palavras, a própria finalidade da análise fatorial é reduzir um grande número de variáveis ao menor número possível. Tal abordagem é a essência da parcimônia.



## CONCEITO DE HUMANIDADE

Como os teóricos dos traços e fatores encaram a humanidade? Os teóricos dos cinco fatores não eram preocupados com temas tradicionais, como *determinismo versus livre-arbitrio*, *otimismo versus pessimismo* e *influências teleológicas versus causais*. De fato, suas teorias não se prestam à especulação desses tópicos. O que, então, podemos dizer em relação a sua visão de humanidade?

Primeiro, sabemos que os adeptos da análise fatorial veem os humanos como diferentes dos outros animais. Somente os humanos possuem a capacidade de relatar dados acerca de si mesmos. A partir desse fato, é possível inferir que

McCrae e Costa acreditavam que os humanos possuem não só mente *consciência*, mas também autoconsciência. Além disso, as pessoas são capazes de avaliar seu desempenho e fornecer relatos razoavelmente confiáveis referentes a suas atitudes, seu temperamento, suas necessidades, seus interesses e seus comportamentos.

Segundo, McCrae e Costa colocaram ênfase nos *fatores genéticos* da personalidade. Eles acreditavam que os traços e os fatores são ambos herdados e possuem fortes componentes genéticos e biológicos e, portanto, são universais. Mas eles também defendiam que o ambiente desempenha um

papel crucial na modelagem das disposições pessoais. Assim, classificamos o modelo *Big Five* como médio em influências sociais.

Na dimensão das *diferenças individuais versus semelhanças*, as teorias dos traços e fatores tendem para as diferenças

individuais. A análise factorial se baseia na premissa das diferenças entre os indivíduos, daí a variabilidade em seus escores. Assim, as teorias dos traços estão mais preocupadas com as diferenças individuais do que com as semelhanças entre as pessoas.

### Termos-chave e conceitos

- As teorias da personalidade dos traços e fatores estão baseadas na análise factorial, procedimento que pressupõe que os traços humanos podem ser mediados por estudos correlacionais.
- Os *extrovertidos* são caracterizados pela sociabilidade e pela impulsividade; os *introvertidos*, pela passividade e pela ponderação.
- Altos escores na escala de *neuroticismo* podem indicar ansiedade, histeria, transtornos obsessivo-com-

pulsivos ou criminalidade; baixos escores tendem a predizer *estabilidade emocional*.

- McCrae e Costa deram a mesma ênfase às influências *biológicas e ambientais* no que se refere à personalidade.
- A teoria dos cinco fatores foi usada para avaliar os *traços* de personalidade *em culturas* por todo o mundo.
- O NEO-PI-R mostra um alto nível de estabilidade nos fatores da personalidade conforme as pessoas avançam de cerca dos 30 anos de idade até a velhice.